



Ano XXVIII

Diretor:
Antonio Drauzio Varella

Casa de Arnaldo, Abril Maio de 1963

Redação:
Avenida Dr. Arnaldo, 1

N.º 106

em cada cabeça...

editorial

A aula teórica obrigatória é um assunto do momento. Neste número publicamos entrevistas feitas com professores e alunos. Esta medida a nosso ver visa interar o ideal dos jovens e avivência dos mais velhos para que haja maior esclarecimento de nós todos e para que e porque cada um possa tomar uma posição consciente diante do problema.

- 1) Qual a sua opinião sobre a aula teórica obrigatória?
- 2) Como explica o fato de na ausência de obrigatoriedade de frequência de aula teórica algumas serem bem frequentadas e outras não?
- 3) Admite que o aluno tenha capacidade de selecionar as aulas teóricas?
- 4) A não obrigatoriedade da frequência às aulas teóricas serviria ou não como estímulo para os professores?
- 5) Conhecendo a dificuldade dos diversos colegas como poderiam conciliar a necessidade de um trabalho com a obrigatoriedade de frequência às

aulas teóricas?

6) Esta medida, aulas teóricas obrigatórias, visa o que, na sua opinião?

Departamento de Anatomia
Prof. C. Machado de Souza

Os quesitos 1.º e 6.º são naturalmente interdependentes e serão respondidos em conjunto e forçosamente tendo em vista a nossa experiência no ensino da Anatomia.

A aula teórica é uma modalidade de ensino, paralela ao ensino prático; curso teórico e curso prático se completam. No curso prático procura-se coligir dados objetivos, mas apenas esta coleta de dados não faz ciência. É preciso coordená-los,

interpretá-los e correlacioná-los. É, então em uma exposição teórica dos fatos que eles serão ordenados e discutidos sob vários aspectos que permitam a sua interpretação e que mostrem suas correlações.

Exemplificando com o ensino da Anatomia, o seu curso teórico visa não a simples descrição dos órgãos mas o entendimento da sua variabilidade em face dos múltiplos fatores de variação; a sua interpretação funcional e as correlações dos fatos anatómicos que vem a constituir fundamento para as aplicações clínicas nos vários setores da medicina.

Por isto mesmo a aula teórica não pode ser uma sim-

ples repetição de um texto escolar. Mas mesmo que o fosse ainda assim seria útil ao estudante pelo simples fato que o texto é frio e inexpressivo e o aluno inexperiente na matéria não pode por si mesmo extrair dele o que é fundamental; assim a aula serviria para uma explicação do texto escolar.

Mas uma aula teórica de nível universitário tem outro objetivo que é de apresentar uma síntese atualizada do tema em aprêço. Ela resulta por isto da experiência do expositor e do seu conhecimento sobre estudos especiais da matéria.

A aula teórica ministrada com este objetivo representa então uma soma de dados que dificilmente o aluno conseguiria por esforço próprio. Não que lhe seja impossível, mas pela falta absoluta de tempo, para consultar trabalhos especiais sobre cada tema.

Aliás a este propósito posso informar que costumava em anos passados, afixar a lista bibliográfica correspondente às aulas teóricas; agora deixei de o fazer, porque raríssimos eram os alunos que procuravam consultar qualquer dos trabalhos indicados, não por desinteresse, mas pela falta de tempo para tanto.

Parece, portanto, que em vista do objetivo e do caráter do curso teórico e pelo que representa para o aluno, em poupança de tempo em busca das múltiplas fontes de informação, o curso deve ser seguido obrigatoriamente.

A conveniência do curso teórico, aliás, é reconhecida pelos próprios alunos desta Faculdade que realizaram um inquérito em 1957, no qual, entre outras questões havia esta: "Na sua opinião as aulas teóricas orientam, facilitam e ampliam a visão da matéria?". A resposta afirmativa elevou-se a 74% da turma.

Idêntico inquérito em 1958 indagava em primeiro lugar: "Acredita que as aulas teóricas de Anatomia são necessárias para maior entendimento da matéria?" E as respostas afirmativas subiram a 80% da turma.

Não vejo como justificar, portanto, a liberdade de frequência à aula teórica, parte tão essencial ao ensino, quanto à prática.

2.º — Muitos fatores podem explicar o fato, a começar pelo horário. Há uma grande divergência de opinião sobre o horário mais conveniente para as aulas teóricas. Os próprios inquéritos que referi mostram claramente que as turmas estavam divididas em duas partes quase equivalentes, uma a favor das aulas no

O Bisturi vem nos últimos anos perdendo sua função primordial como jornal universitário. Em nosso modo de entender, um periódico (?) acadêmico deve expressar realmente as idéias e as convicções de TODOS os que participam da vida universitária. Sim, todos. Quer os que se incluem no corpo docente quer no discente.

No entanto, o que constangido sentimos ao assumir a direção do jornal, foi uma realidade que já pode ser presentida mesmo por quem está alienado.

O Bisturi, o maior jornal universitário de outros tempos, encontra-se relegado a um ostracismo capaz de magoar ao mais frio dos homens que já passou por esta Casa... Para este quadro clínico receitamos uma exsanguineo transfusão. E a conduta terapêutica inclui, no presente caso, série de medidas que devem ser tomadas pela direção, ao lado de uma mudança radical no modo de encarar as finalidades do jornal, por parte de alunos e professores.

De nossa parte as primeiras providências estão sendo tomadas. Assim, achamos que não tinha cabimento ver nosso jornal administrado por elementos, completamente estranhos às lides universitárias. Tratamos então, de romper um contrato que nos unia a consciencioso profissional e que estabelecia como nossa responsabilidade apenas o fornecimento da matéria a ser publicada, sendo da alçada do administrador arcar com as despesas e problemas da impressão, revertendo em seu benefício os lucros provenientes da publicidade conseguida.

A quitação de tal contrato proporcionou-nos vantagens e desvantagens. As desvantagens se devem ao fato de que passamos a ter a responsabilidade da edição do jornal. Responsabilidade esta que não é pequena, devido aos múltiplos problemas que tal empreendimento acarreta. Problemas estes agravados pelo escasso tempo de que dispomos para solucioná-los. Felizmente as vantagens nos animam a enfrentar as dificuldades que se nos apresentam. Desse modo passamos a ter plena liberdade no que diz respeito à tiragem do jornal, além de não haver limitações quanto ao número de edições anuais; devemos acrescentar também que a publicidade passou a ser explorada por alunos da Faculdade, possibilitando a estes determinada renda mensal.

O problema da distribuição do jornal também mereceu de nossa parte, especiais cuidados. Isto porque acreditamos que um jornal, como deve ser o nosso, tem que despertar interesse não somente entre nós aqui da Casa, como também de todos os universitários. Como da Casa consideramos não apenas os atuais acadêmicos, mas todos os que por aqui passaram. Assim, providenciamos para que desde este primeiro número, «O NOSSO BISTURI» possa chegar às mãos de todos os que por aqui se formaram.

Estas foram as primeiras medidas tomadas pelos elementos da direção do jornal. Ao lado destas providências é necessário, como foi dito algumas linhas acima, que haja uma mudança radical no modo de encarar o jornal por parte dos alunos e professores. Quando fizemos tal afirmação queríamos assinalar que o jornal de uns tempos para cá vinha sendo editado graças à colaboração de uma minoria atuante que pensa principalmente em resolver os «grandes problemas» do «nosso pobre e desacreditado Brasil», sem levar em consideração que a principal função de O BISTURI é ventilar os problemas dos universitários em relação à vida universitária e talvez um pouco mais particularmente no que diz respeito à vida dos estudantes de Medicina.

E para que o jornal atinja estas finalidades é necessária uma íntima colaboração de todos os estudantes, de tal modo que O BISTURI seja o fiel porta-voz de todas as nossas reivindicações.

Incluimos entre aqueles que devem colaborar ativamente com o jornal os professores e os médicos formados pela nossa Faculdade, porque acreditamos que as críticas e soluções aos problemas do ensino médico, que venham a ser por eles apresentadas possam ser de real valor; porque, representam o fruto de uma experiência de longos anos, enriquecida pelo exercício ativo da profissão ou por uma determinada tarimba na arte de ensinar a novas gerações de carreira de Hipócrates.

Acreditamos mesmo, como diz um conhecido provérbio, que «no meio está a razão»; isto é, que o produto da interação do grande ideal dos jovens e da vivência dos mais velhos, aliada também, porque não dizer, a um certo cepticismo dos mesmos, pode trazer uma enorme contribuição para a melhoria do ensino na nossa Faculdade.

Este é o nosso esquema geral de trabalho e dele você precisa participar para que nossas aspirações se transformem em realidade.

cinquentenário de fundação da faculdade de medicina e do centro acadêmico oswaldo cruz

Prof. Carlos da Silva Lacaz

Em 1913, refere o professor Aguiar Pupo, as tradições da cultura jurídica das Arcadas

va do núcleo médico da Santa Casa, induzindo o governo Rodrigues Alves à realização do velho sonho de Américo Brasiliense de Almeida Mou-

var avante a iniciativa de se fundar em São Paulo uma Faculdade de Medicina, Arnaldo Vieira de Carvalho plasmou a obra de que tanto nos orgulhamos. Contratou professores estrangeiros, ordenou os esforços de grandes médicos da paulicéia e organizou a modelar casa de ensino e de pesquisa que constitui, indiscutivelmente, um dos mais belos padrões da cultura bandeirante.

Cirurgião emérito, com larga visão científica, paradigma de sua classe, Arnaldo trazia para o cargo de Diretor da novel Faculdade, longo passado de experimentada competência técnica e administrativa. Passara por duas chefias — a da Santa Casa de Misericórdia e a do Instituto Vacinogênico.

A sombra da Santa Casa de São Paulo iniciou-se o ensino clínico da Faculdade de Medicina, transferido em 1945 para o magestoso Hospital das Clínicas. A 2 de abril de 1913, Edrundo Xavier dava a aula inaugural do curso médico. No decorrer de cinco décadas, a Faculdade de Medicina de São Paulo projetou-se na esfera internacional, atingindo ao nível do mais alto padrão das escolas médicas dos Estados Unidos da América do Norte, segundo juízo imparcial do Conselho Executivo da "Associação Médica Americana"

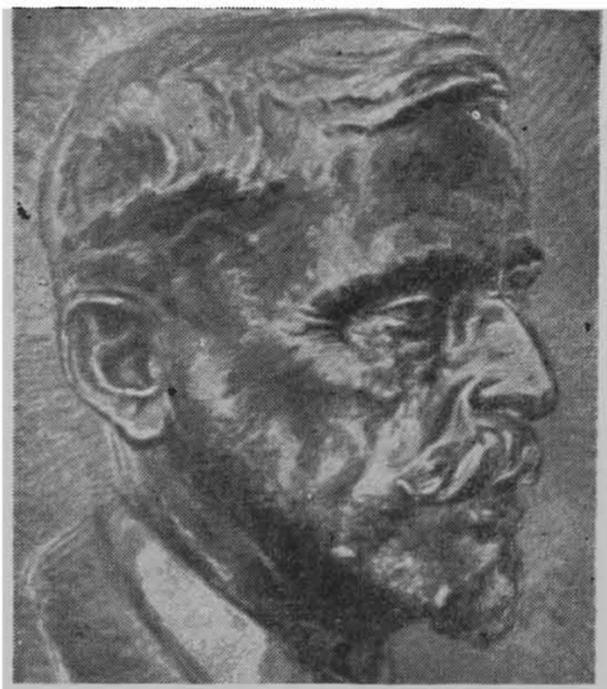
Vive a Faculdade de Medicina, nos dias de hoje, suas horas de glória. A grande escola paulista comemora, junto com o Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, cinqüenta anos de gloriosa e fecunda existência. Cumpre defendê-la, respeitando as linhas mestras de sua mode-

ra: a fundação da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Convocado pelo Conselheiro Rodrigues Alves, para le-

(Continua na pág. 5)

(Continua na pág. 4)



ARNALDO VIEIRA DE CARVALHO
Fundador da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
1913

e o prestígio da Escola Politécnica, que se alicerçavam nos primores da educação humanística de nossos colegas, despertaram a iniciati-

Colaborem com

«O BISTURI» do

cinquentenário

Ficamos sabendo recentemente de uma invejável iniciativa dos engenheiros de 1962 da Faculdade de Engenharia Industrial, que conceberam e concretizaram a idéia de transformar em bolsas de estudos o dinheiro recolhido entre os formandos para as despesas da festa de formatura.

A fim de que os alunos da FMUSP pudessem melhor conhecer e julgar essa atitude, entramos em contato com um dos formandos da referida turma, o agora dr. Renzo D. S. Rossa, e conversamos com ele a respeito do fato. A entrevista que o colega Renzo nos concedeu foi a seguinte:

P) — Como surgiu a idéia de transformar as contribuições dos engenheiros de 1962 da FEI para as festas de formatura, em bolsas de estudo?

R) — As festas de formatura de nossas faculdades superiores se caracterizam pelo gasto de enormes quantias de dinheiro em atividades supérfluas e nada próprias a um ambiente universitário que sofre tantas dificuldades econômicas como o nosso.

O problema do universitário aumenta quando se trata de uma faculdade particular, onde o pagamento das anuidades é um pesado entrave para se seguir o curso normalmente.

Foi então que surgiu a idéia de uma formatura que em primeiro lugar não ocasionasse dificuldades financeiras a ninguém e ao mesmo tempo tivesse uma finalidade social. Abolindo-se o baile de formatura e restringido a festa de formatura à missa em Ação de Graças e à solenidade de colação de grau em cerimônia simples e sem gastos supérfluos, tentamos uma forma diferente que não se constituisse num contraste muito grande com as condições em que vive a grande maioria do povo brasileiro, que é quem na verdade trabalhou e contribuiu para que nós nos formássemos.

P) — Quando surgiu a idéia esta foi logo aceita ou houve alguma reação entre a turma?

R) — A idéia aos poucos propagada por entre os colegas foi sendo aceita sem qualquer restrição, a não ser por uma minoria, que, talvez por não estar despertada para as grandes dificuldades econômicas que surgem ao se cursar uma faculdade, não assimilava bem o propósito da maioria.

Era natural que isso ocorresse pois ainda existe no Brasil, em certas camadas da população, uma mentalidade conservadora que insiste em não observar a realidade social e procura defender certos privilégios, agarrando-se ao supérfluo. Com isso se distraem e não têm tempo de pensar no próximo.

Mas em pouco tempo todos concordaram com a maioria e estabeleceu-se que os futuros engenheiros, no decorrer de 1963 doariam uma "anuidade" para um antigo colega. Ficou ainda o compromisso moral de se estender essa ajuda aos anos seguintes.

P) — Como e por qual entidade vai ser aplicada a quantia destinada às bolsas de estudo?

R) — Antes de mais nada é preciso um esclarecimento. Há uma diferença enorme entre "bolsa de estudo" e "anuidade". Entendemos por Bolsa de estudo uma ajuda completa ao estudante, e que lhe permita frequentar a Universidade, adquirir livros e apostilas, comer e viver adequadamente. Enfim, uma ajuda substancial e não apenas uma doação de pagamento de anuidade.

As nossas Escolas Superiores declaram que distribuem bolsas de estudo, quando apenas permitem a alguns alunos, cursarem sem as despesas de anuidade, não sendo ajudados em nada nas despesas correlatas. Esse problema também se faz sentir nas escolas públicas, quando muitos são obrigados a trabalhar para pagar pensão e ter o que comer.

Com este esclarecimento fica bem claro que o que estamos doando é uma anuidade, uma vez que não nos é possível ajudar mais que isso.

A quantia será arrecadada pela Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Engenharia Industrial e será

doada ao Centro Acadêmico Sabcia de Medeiros, para que os próprios alunos cuidem da distribuição do montante. São os alunos que sentem o problema e portanto estão aptos a proceder sem injúrias. Haverá distribuição de anuidades, meia-anuidades e até de um quarto de anuidades, conforme for comprovada a necessidade do candidato a "bolsista".

P) — Sendo o problema econômico do estudante uma questão muito ampla e que, portanto, só poderia ser resolvida com medidas de maiores proporções, não seria a atitude da turma de 1962 da FEI por demais paleativa?

R) — É bastante claro que a nossa atitude não vai resolver nada. Mas isso não impede de darmos a nossa contribuição para minorar um grave problema, e principalmente, de tomarmos uma atitude coerente com a realidade educacional brasileira. Medidas de maior amplitude só poderão ser tomadas pelas autoridades competentes. Apenas procuramos não cair no mesmo erro em que tantas turmas de formandos cairam, ao realizarem solenidade desnecessárias, que não só não contribuíram para nada, como ainda se constituíram em berrante contraste com a própria condição de vida da maioria dos formandos.

P) — Você acredita que o problema da democratização do ensino superior estaria minorado bastante se todas as turmas de formandos de todas as escolas superiores do país adotassem a idéia de vocês ou você acredita que seria necessária uma atitude de outro tipo para que este fosse atingido?

R) — Se todas as turmas de formandos adotassem atitude semelhante à nossa, teríamos dado um pequeno, mas firme passo para o amadurecimento social do estudante brasileiro, e seria um grito de alerta para os responsáveis pela Educação.

Para a democratização do ensino superior é preciso em primeiro lugar acabar com a seleção econômica que desde o curso primário afasta dos bancos escolares grande número de brasileiros. É preciso que todos tenham igual oportunidade de estudar de fato, a fim de que a constituição, que já garante este direito, não seja letra morta. Enquanto os cursos superiores só estiverem ao alcance de indivíduos economicamente privilegiados, ou de indivíduos financeiramente não privilegiados mas

(Continua na pág. 8)

Nesta data, perto de uma centena de moços se gradua em medicina.

A variedade de romes tão díspares na origem, numa evocação das mais diferentes genealogias, compõe um quadro maravilhoso.

E para esse amálgama de jovens, vergôntes que rebentaram nas três dimensões de nossa gente — a multiplicidade de raças, a disseminação de credo e a diversidade de condições econômicas — voltam-se os olhos da Pátria.

Cada nome conta uma história; cada nome lembra uma civilização.

Mas pelo mesmo ideal todos se moveram; para o mesmo ideal todos convergiram; no mesmo ideal todos se identificaram. E em seu nome grandioso, cada um, pobre ou rico, teve de sujeitar-se a extraordinárias privações.

Na luta por um dos mais altos e nobilitantes objetivos, enfrentou o menor dotado as asperidades de sua própria condição. E bravamente venceu.

Na comunhão desse mesmo objetivo, privou-se o mais favorecido de toda luxúria, abdicou toda uma vida de conforto entorpecedor, para perfilar numa jornada de sacrifícios inauditos. E galhardamente também venceu.

Assim, igualaram-se todos no magnífico e comovente triunfo alcançado com suor e dedicação extremas.

Mas essa vitória, a realidade que vivemos, nos faz receber a sem jactância, sem ostentação; a responsabilidade de que estamos imbuídos, nos ensina a encará-la em suas reais dimensões; e a gratidão, que nos inunda o coração, não nos permite senão avaliá-la em seus lídicos méritos. Porque, se assim não fosse, lhe omitiríamos os grandes artifícios que nos representaram os mestres; porque olvidaríamos a sociedade generosa, que nos propiciou os meios materiais para a consolidação dos anseios que acalentávamos fervidamente. Não nos iludimos. Este momento representa para nós mais do que uma festa de coroação. Não vivemos, neste instante, a veleidade vazia dos que poderiam achar nesta consagração o termo de nossos deveres, o epílogo de nossas incumbências.

Sentimos, verdadeiramente, que esta é a hora de evocação; sentimos, sinceramente, que este é o momento de meditação; sentimos, acima

de tudo, que esta é a oportunidade de profissão dos compromissos a que nos guindamos.

Eis o significado expressivo dessa solenidade.

Por isso, reverenciamos comovidamente aqueles que sempre nos acompanharam, dando-nos o estímulo imprescindível para o revigoramento de nosso espírito. Quando combalidos sob o fardo da missão extenuante que nos propomos como a mais alta das nossas aspirações, jamais nos faltou a palavra reconfortante e acariaciadora de nossos pais.

A semente lançada em terra fértil, germinou, cresceu e frondejou, nutrido-se na seiva inesgotável da ajuda paterna.

E dessa árvore frondosa não de romper muitos frutos, porque a cuidaram os nossos queridos professores, porque a zelou uma constatação de mestres, mercê de sua cultura, resignação, bondade e dedicação.

A esses também os mais merecidos e reconhecidos louvores. A poucos, é verdade, apontamos em nossa homenagem; é que não podemos escapar às limitações de rígidas formalidades.

Que estas palavras, porém, sejam o testemunho formal e inequívoco de que a todos, ausentes e presentes, conservamos no âmago de nossos corações a todos, ausentes, haveremos de manter bem vivos na lembrança, como obreiros autênticos dessa maravilha que é o ensino médico.

E assim fazemos com profundo respeito e admiração, mormente agora que a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo se encontra nas vésperas do quinquagésimo ano de sua portentosa existência.

Nos trabalhos de cada Departamento ressumbra a magnificência de um passado valiosíssimo que nos cumpre preservar; nas atividades de cada Clínica despontam nomes que nos legaram uma tradição invejável de trabalho e amor ao próximo.

Na contemplação de suas vida é que se nos desenvolveu a capacidade férrea de renúncia e o discernimento agudo das coisas legítimas.

Destarte, acolhidos e preparados num ambiente de trabalho austero e amor sensível, aprendemos a valorizar os que trabalham, ou querem trabalhar os que amam, ou querem amar.

Não foi nem poderia ter sido outro o critério que nos

leva a homenagear todo o Corpo Docente de «Casa de Arnaldo», representado aqui numa plêiade de indiscutíveis valores.

E foi esse mesmo critério que nos levou a escolher, como Parainfio, o emérito professor doutor Edmundo Vasconcelos.

Sensibilizados por uma febril devoção aos problemas do ensino médico; comovidos pela decidida, intransigente e pessoal participação do espinhoso mister de orientar alunos; convictos da clarividência com que aucta e analisa; enternecidos com o desassombro com que se expõe para ser criticado; reconhecidos do incansável labor com que tem colaborado na projeção da cultura e tradição brasileiras além dos lindes da Pátria, na forma desta sincera homenagem, é que manifestamos o gesto de gratidão de que nos não poderíamos esquivar.

Mas nesta solenidade também é imperioso que se exponham os princípios porque nos momentos durante a vivência universitária.

E o fazemos, submissos a própria consciência, pelos sentimentos de gratidão à sociedade a que estamos indissolúvelmente vinculados e a que devemos os nossos estudos.

Ainda mais. Não nos poderíamos conservar distanciados das condições de vida de nossa gente, dos seus problemas, de suas inquietações, de suas dificuldades, sem o risco inexorável de falharmos em nosso dever.

Deplorável ingenuidade a dos que só acreditam como única e precípua obrigação do acadêmico o estudo das disciplinas do curso médico.

Não poderíamos admitir fôssimos engeguecidos pelo comodismo que nos deturpa a realidade ou dela nos afasta.

Ainda estudantes, jamais aceitamos as restrições que falsos aristarcos nos quiseram inculcar. Jamais poderíamos permitir que se nos imobilizassem os braços, tolhendo-nos nas ingêntes campanhas de esclarecimento e proteção da sociedade. Jamais poderíamos admitir, apaticamente, o desprazo ou a agressão às genuínas conquistas institucionais.

E o que tentam apedrejar ou difamar, sufocar ou vilipendiar, não é provocação, não é desordem, não é bulha estudantil.

Constituímos uma classe que sempre procurou estudar as nossas mais afilivas questões sociais analisando-as em toda a extensão e profundidade, a coberto de quaisquer interesses pessoais.

E o que chamam de bulha, de tumulto, de agitação, não é senão a grita patética de revolta, de inconformação daqueles que renunciaram à vida de ócio, para viverem o mesmo drama em que se desespera grande parte da nossa população.

Por isso nos batemos pelas reformas inspiradas em nossa triste realidade; por isso bradamos contra o índice alarmante de mortalidade infantil e nos rebelamos contra a indiferença dos poderes constitucionais por isso invadimos favelas e socorremos suas paupérrimas criaturas, e nos insurgimos contra a negligência que as olvida; por isso clamamos por medidas urgentíssimas para os problemas de saneamento para os quais a atual assistência médico-sanitária se mostra impotente e precária.

Como nos mantermos omissos e cegos calados e inativos, diante da impressionante porcentagem de brasileiros abreviados em sua existência e exauridos em suas forças por toda a sorte de verminoses e doenças parasitárias?

Pesa-nos o estigma humilhante de povo subdesen-

(Continua na pág. 8)

EXPEDIENTE:

«O BISTURI»

Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

*

REDAÇÃO:

Av. Dr. Arnaldo N.º 1
Tel. 52-1729 - S. PAULO

*

Diretor Responsável:
José Knoplich

*

Diretor
Antonio Drauzio Varella

*

Vive-Diretor
João Baptista Guerra

*

1.º Secretário:
João Amorim Filho

2.º Secretário
José Mario S. M. dos Reis

Redator Chefe:
Carlos Eduardo Corbett

Diretor de oficinas:
Pedro Vargas

Tesoureiro:
Nicola Bonomo

Diretor de relações públicas:
Carmen Lúcia Soares Pontes

Taquigrafia a cargo de:
Adilson de Paula

Datilografia a cargo de:
Luiz Carlos de Campos Netto

Redatores:
Ossamu Butugan Fernando Bonilha - Maria Zelia Alvarenga Berilo Lanzer Carlos de Lima Salum

Revisores:
Elias Letaif Rafael A. Possik Werner Schmidt - Mascus Castro Ferreira José Carlos Pareja João Rojas Filho José Paulo Nóbrega

Os artigos publicados neste jornal são de inteira responsabilidade daqueles que as assinam e os conceitos nêles emitidos nem sempre coincidem com os da sua direção.

Estas páginas estão abertas a todos os sócios do CAOC, obedecendo as tradicionais regras da ética, acadêmica.

Não devolvemos originais publicados ou não

primeiras impressões

De repente o sonho se tornou realidade: a Escola tão almejada, a Faculdade tão desejada subitamente se abriu para nós. E tudo se transformou como que por encanto. Em cada um de nós há um sorriso de felicidade estampado no rosto, há uma ponta de orgulho e vaidade por ser o que somos agora: estudantes de Medicina, calouros da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, membros do Centro Aca-

dêmico Oswaldo Cruz. E como é bom ser tudo isto.

No que se refere ao campo de estudo evidentemente demorará ainda um certo tempo até haver um perfeito entrosamento com o novo sistema de aprendizado, mas, entretanto, nestes primeiros dias de Faculdade o carinho e a atenção dos veteranos para conosco, realmente nos encantou. Cada dia que passa é marcado por novas amizades que vamos encontrando pois

sentimos realmente, em cada veterano que conhecemos, mais que um colega, um amigo em potencial. Foram também esses nossos colegas que em uma visita, embora rápida, pelas dependências de toda a Escola e do Hospital das Clínicas, nos deram uma idéia da imensidão de nossa Faculdade, do gigantesco campo que nos espera pela frente.

Estamos, seguros de que, em um espaço de tempo bem mais curto do que se possa imaginar, estaremos perfeitamente integrados no mecanismo, não só em relação ao estudo ao qual nos dedicamos, mas também nas atividades de nosso grêmio, lutando por um Faculdade sempre melhor e por um CAOC sempre maior.

Obrigado colegas, pela maravilhosa acolhida e que possamos, o mais breve possível, ser veteranos também.

Lincon P. Vallada
1.º ano

(Continua na pág. 8)

NOVATROPINA

Laboratório STEG Sintético

FILINASMA



Porque?

Porque SMA não é apenas leite de vaca em pó, mas sim uma fórmula modificada com base nos conhecimentos mais modernos da nutrição do lactente, tornando-se o substituto ideal do leite humano.

Com efeito, SMA, da mesma forma que o leite humano, contém, em proporções idênticas, o mesmo hidrato de carbono: a lactose;

as proteínas e, logicamente, os seus aminoácidos são iguais, em qualidade e quantidade, as do leite materno;

as gorduras são análogas às do leite materno em proporção e composição, quanto aos ácidos graxos saturados e não saturados;

as vitaminas e os sais minerais estão presentes em SMA de maneira constante e em quantidades superiores às necessidades diárias.

Com **SMA** aumentos ponderal e estatural iguais aos obtidos com leite humano.
SMA é a alternativa lógica para ótima nutrição do lactente.

Latas com 453 gramas.



TRADIÇÃO E QUALIDADE A SERVIÇO DA PRÁTICA MÉDICA

IND. FARM. Fontoura-Wyeth S.A.

SMA 163 F.

aulas teóricas

Respostas fornecidas considerando o assunto de um ponto de vista ideal, desde que a lei de "Diretrizes e Bases" não cogita do caráter das aulas ao estabelecer a frequência obrigatória.

1) Sou inteiramente favorável à não obrigatoriedade da frequência às aulas teóricas, apesar da importância que atribuo a estas como "fio condutor" do aprendizado.

2) Evidentemente, uma resposta desta natureza apenas pode se apoiar em inferências e não em certeza. Creio que um raciocínio lógico permite inferir que a frequência aumenta na medida do afastamento das preleções frias e discursivas, ou seja, depende:

a) do interesse sempre vivo despertado pela exposição;

b) da propiciação constante de uma participação efetiva dos alunos (pela interrogação e pelos debates) no decorrer da aula;

c) da soma de conhecimentos realmente úteis fornecidos.

3) Sim, sem dúvida; mas apenas o aluno interessado e aplicado. Muito embora a justeza dessa seleção possa ser comprometida por múltiplos fatores (tendência à especialização precoce e relativo desinteresse por outros setores; noção inadequada, na época, da importância do que é ensinado; sobreposição de interesses de momento sobre o que será mais valioso no futuro, etc. etc.).

4) Difícil uma resposta que seja justa. A pergunta poderia fazer supor que a "obrigatoriedade" não é estimuladora. Apesar disso, e em tese; responderia pela afirmativa.

5) Embora com simpatia pela situação dos alunos, não posso apreciar a ocorrência como exigindo uma alternativa de conduta: ou o trabalho ou a aula. A Faculdade estabelece (e procura

fazê-lo tem) o que julga útil ou necessário. É um imperativo que os que nela ingressam possam atender a essa exigência fundamental. Quando opino pela não obrigatoriedade de frequência às aulas teóricas não o faço para amparar interesses extranhos ao curso, mas para o maior aproveitamento eventual do próprio tempo dedicado a ele.

6) A exigência da obrigatoriedade de comparecimento às aulas teóricas visaria, logicamente, como ao curso prático, o aproveitamento dos dados úteis fornecidos aos alunos. É opinião respeitável, embora não seja a minha.

Luiz V. Decourt
professor catedrático da
2ª clínica médica
da F.M.U.S.P.

Prof. Junqueira: Que acha
Vossa Senhoria sobre a frequência obrigatória?

O problema tem dois aspectos: Um positivo e outro negativo. Este prende-se ao fato de que, infelizmente, nem todas as aulas teóricas são do padrão que se deveria esperar. Isto traz, por parte do corpo discente uma certa reação. De modo que, se as aulas fossem num nível aceitável, não haveria dúvida que seria interessante a aula teórica obrigatória. Isto para não falar em duplicação de assuntos. Já vi turmas desta Faculdade estudarem um mesmo assunto por três versões diferentes em diferentes cátedras...

O reverso da medalha é que não creio que os alunos estejam em condições de selecionar as aulas adequadas ou não do curso. Isto já equivaleria a um tirocinio que o aluno, pela própria condição de aluno não pode ter.

Há, por exemplo, uma tendência por parte do aluno de fugir ou de gostar menos daquelas aulas que expõem as

questões básicas e apreciar mais aquelas que têm orientação clínica, fato que a meu ver, é absolutamente errado dentro do curso básico.

Que se deem aplicações clínicas aos fenômenos básicos estudados é muito certo. Mas que se lecionem clínicas em um curso básico em detrimento de conhecimentos fundamentais, é, na minha opinião —, absolutamente errado.

Eu me lembro perfeitamente, que houve um professor desta Faculdade, que no seu discurso de posse declarou que iria fazer medicina e que não iria se preocupar com minúcias de ácidos nucléicos durante o curso. É coincidência que os dois últimos prêmios Nobel de medicina tenham sido conferidos a indivíduos que se dedicaram ao estudo de ácidos nucléicos, considerados como de importância fundamental em medicina.

Outro aspecto que mostra que o aluno não tem certa maturidade é a frequência absolutamente diferente que um mesmo professor tem, dependendo de sua aula ser no período da manhã ou à tarde. É minha experiência que, com um mesmo professor, metade da classe falta no período da manhã, vindo em massa à tarde.

Não creio que a não obrigatoriedade da aula teórica sirva de estímulo aos professores negligentes. Estes são por natureza e se não houver uma atitude disciplinadora dentro da Faculdade por intermédio de seus órgãos diretivos (coisa que não acontece e é claro e evidente a julgar por acontecimentos recentes) não será possível melhorar a situação referente a esses professores.

Quanto à alegação de que as aulas teóricas deveriam ser facultativas a fim de facilitar a certos colegas de menos posses, sou radicalmente contra.

O curso médico exige trabalho em tempo integral.

Fazem exceção, naturalmente, aqueles alunos que, no ciclo clínico trabalham dentro de assuntos da profissão Poderiam dessa forma então, se sustentar.

Os problemas financeiros no curso básico, deveriam ser resolvidos de outra maneira, uma das quais seria, por exemplo, a adoção de taxa obrigatória proporcional ao imposto de renda dos responsáveis pelo aluno e sua utilização, para manter em regime de tempo integral, os estudantes necessitados.

Seria um belo exemplo de democracia de uma classe privilegiada como é a dos estudantes universitários no Brasil que têm seu curso gratuito, coisa que ocorrem em poucos países do mundo.

Devo acrescentar também, que, a meu ver, não se aproveitam eles dessa oportunidade com a seriedade e consciência social que seri de se desejar.

Luiz Carlos Uchôa Junqueira
Professor Catedrático de
Histologia e Embriologia
da F.M.U.S.P.

1 — Qual é a sua opinião a respeito da aula teórica obrigatória?

O ideal seria que ninguém fosse obrigado a fazer coisa alguma por coação, por exigência da lei ou por imposição de outrem. Mas isso só seria possível se o homem não fosse um animal gregário, se ele não se organizasse em sociedade. Porém no tipo de vida que leva, em constante intercâmbio com seus semelhantes, o homem está sempre dirigindo e sendo dirigido. Ele dirige aqueles que lhe são inferiores, quer do ponto de vista físico, econômico ou cultural e é dirigido por aqueles que o superam também nestes mesmos aspectos. É a lei do mais forte, que do ponto de vista físico, material, é a única vigente entre os animais infra-humanos. Entre os homens há um outro aspecto de luta e de vitória. É a luta ideológica, a luta intelectual, onde vence a

razão e não a força física ou coação material. O problema da aula teórica é um exemplo claro. A aula teórica deveria ser "obrigatória", todos a deveriam assistir, porém o modo de torná-la "obrigatória" é que deveria ser diferente daquele que na verdade o é. A vitória deveria ser intelectual, a frequência às aulas teóricas deveria ser conseguida pela qualidade das mesmas, pelo alto nível de conhecimentos nelas transmitidos, e não por uma coação física, por uma imposição meramente regulamentar que é o retrato fiel e sem retoques da crise cultural que ora atravessamos.

2 — Como explica o fato de na ausência de obrigatoriedade de aula teórica algumas serem bem frequentadas e outras não?

Dois fatores principais precisam ser encarados quando se analisa esta questão. Primeiramente quando se considera diversas aulas teóricas a respeito de um mesmo assunto. Neste caso a frequência é proporcional à didática do expositor, a sua experiência no assunto, a sua capacidade de selecionar aquilo que deve verdadeiramente ser dito numa aula teórica e a profundidade e objetividade com que trata o problema. Inclusive o "charme" e a personalidade são fatores que influem positiva ou negativamente na qualidade de um expositor. Em segundo lugar, quando se considera aulas teóricas a respeito de assuntos diferentes. Ai então entra em jogo um novo fator, o interesse imediato que o assunto desperta. E esse é um fator que seleciona erradamente. É preciso que se saiba tornar interessante, que se mostre a importância e a aplicabilidade no futuro, de conhecimentos que no presente parecem superfluos.

3 — Admite que o aluno tem a capacidade de selecionar a aula teórica?

Sim. Eles tem a capacidade de selecionar a aula teórica que assistem. Porém

os critérios de seleção é que são os mais diversos. Ora é a qualidade do professor, a importância da matéria, ora é o desinteresse pelo assunto, outras vezes é o tempo disponível, e ainda às vezes é a falta ou excesso do que fazer.

4 — A não obrigatoriedade da aula teórica serviria ou não como estímulo para os professores?

Pelo que vimos até ontem, quando as aulas teóricas eram de frequência livre, professores havia que eram desprovidos do mais insignificante interesse pelo ensino. Este novo regime será uma experiência cujos resultados logo aparecerão, firmando ou infirmo o conceito a respeito das aulas teóricas obrigatórias.

5 — Conhecendo a dificuldade de diversos colegas, como poderiam eles conciliar a necessidade de um trabalho, com a obrigatoriedade de aula teórica?

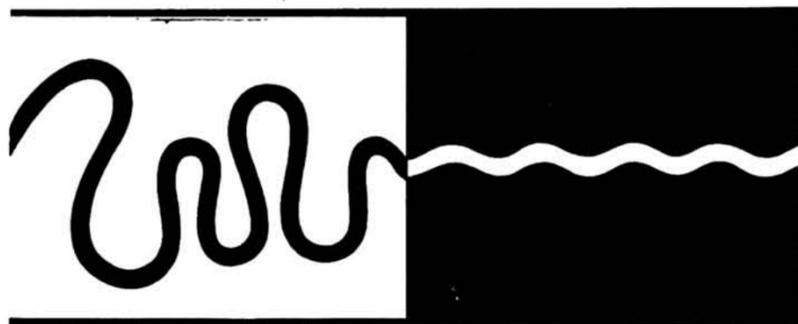
Este problema poderia ser superado pela concessão de bolsas de estudos para todos aqueles que cursam a universidade e realmente não tem condições econômicas para fazê-lo sem remuneração. Esta distribuição seria feita após seleção rigorosa, honesta e eficiente dos candidatos que se apresentassem. As bolsas teriam valores, conforme as reais necessidades de cada caso.

6 — Esta medida, aula teórica obrigatória, visa o que, na sua opinião?

Esta opinião nenhum valor tem no momento, uma vez que não fiz parte daqueles que decidiram tal determinação. O interessante seria saber quais as razões que os levaram a esta decisão. Contudo espero que tenham sido levados pelos mais altos e puros ideais para o engrandecimento da casa de Arnaldo. Porém duvido quanto aos resultados favoráveis de tal medida.

FRANCISCO LACAZ VIEIRA
6.º anista

Amprazin



Neuroplégico

Promazina

Drágeas 25mg e 100mg
Ampólas 50mg e 100mg
Gotas 50mg por ml



Prociex

Instituto Farmacêutico de Produtos Científicos Xavlar João Gomes Xavlar & Cia. Ltda.

privilégio do ensino

Entre tantos benefícios que a Reforma Universitária trouxe ao Movimento Estudantil convém salientar o de criar a mentalidade de preocupação com todos os problemas de ensino do país, mesmo que não tenha relação imediata com o curso superior.

Dentro desta perspectiva de análise dos problemas gerais da educação, não podemos relegar a plano secundário a influência do poder financeiro, cada vez maior que deve ser historicamente paradoxal no nosso ensino.

Num breve retrospecto podemos constatar a dominante evolução dos privilégios, a medida que ultrapassamos os diferentes graus de ensino.

Dentro do próprio curso primário, a diminuição da frequência às suas séries mais superiores é prova cabal daquela afirmativa.

A transição do curso primário ao ginásial, só é permeável a uma minoria, existindo para isso uma razão sócio-econômica e um mecanismo oficial de repressão. A razão é a necessidade do menor se incorporar à renda familiar para manter a sua sobrevivência e a dos seus, e o mecanismo é a redução abrupta do número de vagas no curso ginásial, correspondendo a uma aprovação oficial daquela discriminação social.

A medida que se avança nos cursos, essa evolução da concentração dos privilégios vai se tornando absurda, a ponto de criarem, recentemente, diversos exames de seleção funcionando como máquinas de amputação das aspirações daqueles que conseguem suplantar o obstáculo da admissão. O exemplo típico desta arbitrariedade é a criação de Vestibular ao curso "normal" sob o pretexto de deficiente formação ginásial das candidatas, mas, onde se define a exclusiva finalidade de barreira econômica, já que a procura social é maior que a oferta de ensino. Com o burilar deste modo de resolução das questões de ensino pelo cerceamento econômico

já se pode imaginar amanhã a necessidade de vestibulares aos cursos científicos e clássicos.

A própria sistematização dos cursos no Brasil é de um anacronismo evidente. Num fase em que é imprescindível um número maior de especializações em vários setores, ainda nos sujeitamos a seguir um modelo de ensino tremendamente afastado da nossa realidade. Tanto faz um diploma de ginásio como de científico, que o valor social de ambos é o mesmo. Um indivíduo que termina seus estudos no terceiro científico é tão capacitado quanto um que o termina no primeiro ginásial. A única diferença é que aquele "perdeu" seis ou mais anos, comprovando que estamos, ainda, numa fase que, num certo sentido, por mais absurdo que pareça, estudar, até certo ponto, é perder tempo.

Quando se atinge a passagem para o curso superior e quando nele passamos é que sentimos alcançar o pínaculo desta crescente concentração do privilégio de se estudar. Deixemos, para o fim, a análise do vestibular e detenhamo-nos em poucas linhas na constatação de alguns fatos do curso superior.

A carreira universitária é inegavelmente, a maneira mais exata de progredir cientificamente após o término do curso superior. Particularmente na nossa escola já se sente o avançar da necessidade de se estimular, em qualidade e quantidade, a pesquisa científica.

Os setores do campo docente que menos se animavam com o evoluir da importância das cadeiras básicas de pesquisa, são, já, mais passivos e menos refratários, o que é um progresso. No entanto, o acesso à carreira universitária exige do candidato, menos competência científica e, muito mais, disponibilidade financeira. A situação é tão grosseira que um assistente afirmou que uma das poucas maneiras de se continuar na Universidade, se o pretendente não for

rico, é dando o "golpe do baú" no casamento, passando o indivíduo a ganhar dinheiro por via exógena ao seu trabalho. Ai está a necessidade da alienação social para se fazer ciência e a conciliação desta com sentimentos transviados.

Essa barreira à continuação na Universidade, é a responsável maior pelo que se pode chamar de "tradicionalismo científico", ou seja, quase que a maioria dos catedráticos devem ter um lastro familiar de caráter econômico, condicionando, até certo ponto, a obrigatoriedade de pertencer a uma família "tradicional", geralmente, latifundiária.

Mais absurdo ainda, é o fato de que essa tendência ao privilégio do tipo feudal é aplicado dentro da própria Universidade predispondo a formação de verdadeiros "feudos docentes" isto é, o catedrático como "suserano" de sua cadeira fornece um pedaço de sua propriedade (cargo de assistente) a um seu aparentado, que mais tarde se apossará de toda a propriedade. Na nossa escola, não são poucos esses feudos já consumados ou em fase de formação.

No entanto, para se presenciar essas acrobacias do poder, o indivíduo deve pagar uma entrada muito cara no guichê do vestibular.

Não só o vestibular é uma medida de repressão econômica, por fazer parte da evolução do privilégio do ensino, como o é, também, por abrir campo a um verdadeiro cancro social que é o cursinho.

Deve-se frizar que este não é um erro dependente primariamente dos que o exploram e sim, de um método de ensino secundário falido, já que não fornece o nível de conhecimento que o vestibular exige. Formando-se clandestinamente o cursinho passa a contar com a convivência oficial, demonstrando a falta de vontade de se solucionar o problema.

O que é mais grave é que o cursinho se torna um em-

(Continua na pág. 6)

em cada cabeça...

(Conclusão da 1.ª pág.)

início e outra, no fim do período.

A par da conveniência ou inconveniência de horário, não se pode ignorar, é claro que há uma capacidade expositiva diferente de um para outro professor. Mas isto não vai ao ponto de justificar a ausência às aulas teóricas, pois que sempre há o que aprender. Se houve obscuridades na explanação cabe ao aluno tomar parte ativa na aula, solicitando esclarecimentos.

3.º — Admito que o aluno tenha capacidade de selecionar, sob um aspecto.

Todos os inquiridos em matéria de educação mostram qual a primeira condição que se deve exigir de um docente; é a clareza da exposição. Sob este aspecto o aluno evidentemente tem a capacidade de selecionar; mas é claro que, quanto ao conteúdo, ele não a tem porque ainda está sendo intruzidos na matéria e, portanto, lhe falta base para essa apreciação.

4.º — Entendo que, sendo a aula teórica obrigatória ou não, é dever do docente responsável, seja ele de que categoria for, preparar a sua aula com o maior empenho; isto redundará em benefício próprio porque na preparação cuidadosa dos diferentes temas das aulas de cada dia que ele vai alargando seus conhecimentos, se especializando na matéria.

Entendo que somente a pesquisa não dá suficiente largueza de vista dentro da matéria. A participação ativa no ensino é extremamente útil e importante; esta participação no ensino cuidadosamente conduzido lhe proporciona uma visão profunda dos vários temas e também é útil pela perspectiva de novas vias de pesquisa. A pesquisa e o ensino se entrelaçam e se beneficiam reciprocamente.

Portanto, em princípio, o docente é o maior interessado em fazer uma boa preparação da aula, independentemente do regime de frequência às aulas, assim, não posso aceitar que a liberdade de frequência seja justificada, como estímulo para o docente.

5.º — Isto é uma séria questão. Mas nesse caso dever-se-ia pedir a frequência livre à aula prática, porque esta ocupa 3/4 do tempo enquanto a teórica apenas 1/4.

Está evidente que o problema não se resolve por esta via.

O ensino deve ser ministrado dentro de um certo período de tempo que é indubitavelmente muito curto e não é justo que se permita ao aluno deliberadamente não auferir os benefícios decorrentes deste ensino. É preciso que o aluno organize a sua vida particular de mo-

do que possa satisfazer às condições que a Faculdade exige. Os Institutos são mantidos pela sociedade e cada aluno que neles ingressa assume uma grande responsabilidade que é a de bem preparar-se para uma atuação profissional digna e elevada e que atenda ao interesse social.

Então é dentro deste princípio geral que cada um deve resolver o seu problema particular, da forma que menos prejudique a sua formação.

Os problemas devem ser resolvidos sem prejudicar as atividades específicas desta fase da vida do estudante, que tem por obrigação estudar. Em um país pobre como o nosso, dever-se-ia fazer com que o ensino superior que atinge uma minoria, fosse pago; tal medida seria benéfica justamente àqueles que não o podem pagar, pois que seriam cobertos pelos que podem, sob forma de bolsas. Nos Estados Unidos, muitos Estados que mantêm universidades custeiam o estudo do jovem sem recursos, mas depois de formado este deverá exercer suas atividades em zonas determinadas que necessitam de profissionais. É uma questão a ser estudada, mas que não pode, de forma alguma, ser resolvida com o sacrifício do aprendizado.

MINHA ESCOLA FAZ 50 ANOS

Salomão A. Chaib

Assistente da 2.ª Clínica Cirúrgica

Comemora 50 anos a Faculdade de Medicina de São Paulo. Os que aí vivemos, dando o melhor de nossa vida, estamos alvoroçados e felizes como os namorados. Pararamos um pouco e ficamos a olhar essas vestustas paredes, esses corredores tão queridos, pelos quais passamos despreocupados sob olhar complacente e crítico dos nossos patronos, daqueles que como nós, viveram e morreram por ela. Daqueles que a fizeram grande e respeitada e com sacrifícios no-la legaram com seu imenso patrimônio, sua tradição, sua fama. Pensamos em nossa responsabilidade, o dever de transmitir aos nossos sucessores essa tocha sagrada — ainda mais viva — mais brilhante do que a recebemos. Nós, querida Faculdade, minúsculos seres que circulamos em teu coração eterno, não poderíamos oferecer-te maior presente do que o compromisso do nosso trabalho, que seja honroso, digno,

centro de debates

perspectivas para o ano do quinquentenário

O Centro de Debates do CAOC pretende realizar neste ano principalmente mesas redondas sobre o problema do exercício da medicina na sociedade brasileira atual. Temas como a ida de médicos para o interior, o problema da livre escolha, a medicina nos institutos de previdência, problema da especialização, outros serão abordados.

Todos os colegas da FMUSP estão convidados a prestigiar essas iniciativas do CAOC, com sua presença e sua colaboração.

É necessário ao estudante de medicina um conhecimento do seu futuro campo de trabalho profissional, o que lhe ajudará na escolha do ramo médico, ao mesmo tempo que lhe dará idéias sobre seu comportamento político diante da estrutura social que aguarda seus serviços.

Para os membros do Centro de Debates e demais colegas interessados haverá discussões sobre problemas políticos da atualidade, apresentados por elementos das mais variadas tendências políticas.

A Medicina é uma das atividades humanas. O médico, para exercê-la com função social, em proveito da sociedade, precisa ter um conhecimento da complexa realidade brasileira, do todo social. Precisa ser sensível aos problemas sócio-econômicos que são causas de muitas doenças que ele terá que tratar.

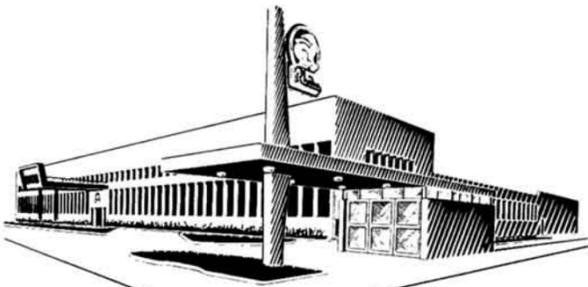
Infelizmente alguns colegas não chegam a entender essas perspectivas e qualquer um que se interessa por estes problemas é chamado por eles de comunista, grevista, anarquista, etc.

O interesse pelos problemas sociais é motivado exclusivamente pela vontade de contribuir para que a maioria do povo desta terra desfrute dos atuais progressos da Medicina e da civilização em geral, desfrutados apenas por uma parte mínima da sociedade. A vontade de contribuir para que a maioria dos brasileiros tenham realmente condições humanas de vida.

Pedro Luiz Tauil
3.º ano

honesto e rico de entusiasmos. Não medir sacrifícios, evitar a estagnação, sempre inquietos, olhos fitos no além, em novos campos de pesquisa, que o teu nome seja glorificado até os confins da Pátria, para honrar dos que nos precederam e orgulho dos nossos filhos. Quando, todos os dias ao raiar do sol, nos acolhes em teu seio, somos arrebatados acima do tempo e do espaço, desligados do mundo, imersos nessa corrente de vida que emana de tuas raízes e que nos transforma, mediocres mortais, nos super-homens dos sonhos de nossa infância.

Glória eterna a ti Faculdade de Medicina, ao completares meio século de trabalho e de progresso, pelo imenso que tens feito para a grandeza da nossa terra.



ESPECIALIDADES FARMACÊUTICAS

UMA LINHA DE PRODUTOS PARA CADA NECESSIDADE DA TERAPÊUTICA

ANALGÉSICOS
ANESTÉSICOS
ANTIÁLGICOS
ANTIBIÓTICOS
ANTI-HISTAMÍNICOS
BARBITÚRICOS
GASTROENTEROLÓGICOS
PSICOTRÓPICOS
SULFAMÍDICOS
TISIOTERÁPICOS
TRICOMONICIDAS
VITAMÍNICOS

COMPANHIA QUÍMICA RHODIA BRASILEIRA

Rua João Pires Gago, 116
Santo André, SP



A marca de confiança

A SERVIÇO DO BRASIL
DESDE 1920

DEF-19-163

DEBENIUM
Ancilostomíase

GIARLAM
Giardíase

DIFENTAN
Teníase

PYR-PAM
Oxiúriase

OXIURAZINA
Oxiúriase e Ascariíase

A MAIS COMPLETA LINHA DE PRODUTOS PARA TRATAMENTO DAS PARASITÓSES INTESTINAIS.

LABORATÓRIOS FARMACÊUTICOS VICENTE AMATO
USAFARMA S/A.

Uma tradição na Indústria Farmacêutica a Serviço da Medicina.

FOME — doença de milhões

Transcorreu dia 7 de abril, mais um Dia Mundial da Saúde, patrocinado pela Organização Mundial de Saúde, inaugurando um programa anual cujo tema é fome.

Entende-se aqui fome, como a ingestão insuficiente de alimentos quantitativa ou qualitativamente.

A fome é a constante de quase dois terços da popu-

lação terrestre. Obviamente predomina nos países do "Mundo subdesenvolvido". Enquanto em países desenvolvidos há excedentes na produção de alimentos, o nível mínimo não é alcançado em terras da América Latina, África e Ásia.

É de todos sabido que um organismo mal nutrido, subalimentado, tende às chamadas doenças carenciais: kwashiorkor, raquitismo, bócio, pelagra, anemia, etc. Além disso, um organismo subnutrido é "nato de cultura" para inúmeras outras doenças ou agravamento do prognóstico da sua totalidade.

A relação fome-saúde é muito íntima: uma criança com seis anos de idade no México, tem 25 cm. a menos de altura que uma criança norte-americana da mesma idade. Enquanto morre uma criança nos Estados Unidos, em qualquer país da América Latina morrem trezentas.

Sem dúvida, ao preparar um programa de ação contra a fome, a OMS (cujo atual presidente é o médico brasileiro, Dr. Marcelino Candau) dá um passo em busca das causas de uma enormidade de doenças. Todos os que cuidam conscientemente da saúde das pessoas não se podem dar por satisfeitos tratando apenas as doenças. É preciso ir mais longe — é preciso procurar meios de evitá-las. (E nós

(continua na pág. 9)



cinquentenário da fundação...

(Conclusão da 1.ª pág.)

lar organização. Através o trabalho incessante de seus pesquisadores, ela tem exercido sobre a mocidade que por aqui passa, a influência redentora dos princípios científicos, apoiados e definidos nos fundamentos do método experimental. Sem exagêros apriorísticos, sem o alarde de confrontações propositais, sem a vaidade das pseudoprimazias, nem o desejo de disfarçado exibicionismo reformador, a nossa Faculdade já venceu pelo prestígio sem par que soube edificar e pelas suas magníficas realizações científicas e docentes. Hoje, a Faculdade de Medicina é o fulcro da atividade médica do país. Ela colaborou ativamente na organização de novas escolas de medicina, fornecendo professores, experiência e material de estudo; recebeu colegas de outros Estados e de outras Nações; preparou milhares de médicos altamente competentes, forrados de sólida cultura técnica e científica, e exerceu grande influência no próprio desenvolvimento da medicina brasileira. Somente por ignorância, por movidos pessoais ou por falta de juízo crítico é que se pode conceber críticas ditadas pelo despeito ou pela má-fé, a grande, a gloriosa Faculdade de Medicina, um patrimônio do Estado e da Nação. Como bem assinalou Orlando Aidal, a Faculdade de Medicina é hoje uma "propriedade pública" e ninguém pode depreciar-lhe a projeção no cenário nacional.

A mais perfeita escola médica do país, com o seu Hospital das Clínicas e institutos anexos, comemora cinquenta anos de fecunda existência

Membro de seu corpo docente, por ela diplomado e a ela identificado nos seus anseios de progresso, presto nestas colunas justa e merecida homenagem àqueles que engrandeceram esta casa, com o seu trabalho intempestivo.

Reverencio, com emoção, a memória dos meus mestres, rendendo-lhes, com culto intenso, carinhoso, o culto da saudade, que opera o divino esquecimento também, os nomes milagre da ressurreição. Não de todos os funcionários da Faculdade, principalmente Domingos Goulart de Faria, o grande secretário desse instituto, que até a morte, em 8 de março de 1958, ali manteve irrepreensível tradição de ordem, moralidade e disciplina. Com o seu desaparecimento, disse com razão o prof. Almeida Prado, a Faculdade de Medicina perdeu um pedaço de si própria.

Cinquenta anos são passados. Os continuadores de Arnaldo Vieira de Carvalho graças a trabalho paciente e metódico, consolidaram a instituição que ele fundou, dando-lhe renome de impecável solidez. "Desça agora a chuva; venham as tormentas, soprem os ventos e batam com impeto contra esta casa; ela não cairá".

Prof. Carlos da Silva Lacaz catedrático da cadeira de Microbiologia e Imunologia da FMUSP.

oração...

(Conclusão da pág. 10)

Entremostra-se a estrada longa ou curta, reta ou sinuosa, aqui e ali com seus declives, mas, só o cominhante pode percorrer-la, sob o livre arbitrio do destino, e a fé na possível redenção...

Prepara-se, de feito, um nascimento, mas não se altera a curva de uma vida; ampara-se o que cai, acolhe-se o que volta, consola-se o que está desiludido com o gesto que afaga e reconduz.

Usa o bom velejador o vento que lhe parece seja o mais propício; bordeja e inclina-se, alonga-se, cede pano, estira-o ao assalto dos contactos, corta o dorso do vento, quase tomba...

Mas, ao aspirar a brisa que é contrária, entusiasma-se com a velocidade, adquire a confiança à calma, e chega à meta traçada — sem desânimo, como alguém que domou ondas bravias.

Se o caminho não era de todos — o mais breve, era de certo a dívida da vida, o sorriso da sorte sobre os mares, violentos mares que a predestinação do seu punho maneiro

domara, como a fera se doma sem descanso.

— São as vossas mãos, mãos do destino

mãos de médicos,
mãos que vêem,
mãos que lêem,
mãos que ouvem,
mãos que sentem,
mãos que pressentem,

mãos que se estendem,
mãos vibrantes,
brancas mãos sangrantes.

Mãos dos diagnosticadores
que percute,
que palpam suaves,
que deslizam sobre a pele,
lêem asperezas
como as mãos dos cegos
na superfície das folhas rugosas

Mãos que vêem a palpação da vida
e as ondulações da morte,
dentro dos recessos íntimos
da carne dorida,
do quente palpitar da vida;
mãos que vêem onde os olhos não vêem,
a aceleração do temor
da imminente inconsciência,
o renascer da vida, a fuga
precipitada ou lenta, filiforme,
que antecede ao nada...
mãos que vêem onde os olhos não vêem,
que o coração adivinha
e a inteligência aguçada;
mãos que sentem
a suave maciez da saúde,
e a aspereza longínqua da doença.

Mãos que batem
para afugentar
no segundo decisivo,
o retardo do grito,
para afagar a aurora da vida,
mãos ensanguentadas,
doloridas, cansadas,
que batem para alertar
a vida que se atrasa,
na glória do que nasce.

Mãos que, na treva,
buscam palpitando,
palpando, sentindo, vendo,
o esconderijo da morte certa;
mãos cegas que glorificam a luz,
a vida, e se queimam aos raios X...

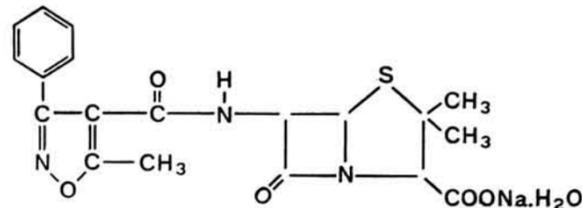
Mãos que, como as de Beethoven,
ouvem,
ouvem o turbilhão do sangue
a soprar, rudemente
— a agulha que penetra
o órgão e o atravessa,
sons distantes, delicados
que só podem ouvir
os dedos afinados...
sons que traduzem mundos
que anunciam a vida,
ou prenunciam a morte,
que escrevem poemas
e criam harmonias.

Mãos leves
mãos ágeis
mãos lentas
mãos lerdas
mãos pesadas
pacientes
rápidas

Para as estafilococcias resistentes

Staficilin-N

(Oxacilina - Penicilina P-12, Bristol)



- Dramática ação bactericida contra estafilococos resistentes
- Não sofre a ação da penicilinase
- Ativa por via oral e por via parenteral
- Tolerância idêntica à das demais penicilinas

Um Produto de Síntese da Fábrica de Antibióticos da

LABOR TERAPICA-BRISTOL S.A.



Ind. Quím. e Farm. - R. Carlos Gomes, 924 (Sto. Amaro) S. Paulo

— bruscas
violentas.

mãos que mergulham
na carne estuante,
tremula,
do homem doente,
e fazem o milagre da cirurgia;
mãos do holocausto
que são a um tempo,
— o sacrifício,
o sacrificador e a oferenda;
mãos que no sacrifício do esforço
se consomem,
na união mais íntima
de dois seres em agonia,
na inconsciência do sono
e na consciência do triunfo.

Mãos do sacrificador
na exatidão da técnica,
no rigor da serenidade do gesto,
forte na tormenta entre a vida e a morte;
mãos de oferenda, desprezadas
do reconhecimento ou gratidão,
puras do crime ou da ignorância;
mãos sofridas, vermelhas, alvas,
que fizeram mais vezes o bem
do que levaram o sofrimento.

Mãos que crêem,
mãos que rezam,
mãos juntas que juntas rezam,
nas longas lutas
o infindo rosário
das longas esperanças.

Mãos em que a oração
é o trabalho que a fé mantém
e o amor sustenta!

Podeis parar, serenas mãos,
quando o trabalho estiver feito,
e, sobre o peito,
descansar quietas.
E a seara do bem, do belo
e da verdade.

— florescer
frutificar
nos que não de vir...

E, agora, dai-me as vossas mãos,
médicos que hoje sois,
a mim, que vos recebo, — irmãos

— sede bem-vindos,
e que a ventura seja na jornada,
a vossa companheira;
que o sonho da mocidade
se realize na idade plena,
quando estiverdes tranquilos
felizes na maturidade!

Crer,
já é levar em si o germe da vitória
e porque eu creio,
soldado da mesma legião,
crente da mesma crença,
semeador da mesma seara,

farei de vossa vitória
— a minha vitória,
de vossa verdade
— a minha verdade,
de vossa vida a minha vida;
e do vosso bem
a minha bênção

A M E M

medicina nos esportes

1º pauli - medi

Tornou-se uma realidade a Pauli-Med. Era a Competição que faltava e que veio de encontro aos anseios dos pupilos da ciência de Hipócrates.

Pauli-Med é a Competição poli-esportiva disputada entre os alunos da Escola Paulista de Medicina e os alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo que neste ano estão comemorando o trigésimo e quinquagésimo ano de fundação respectivamente. E em homenagem a estes tradicionais estabelecimentos de ensino médico por este acontecimento tão importante, os alunos por intermédio de seus Associados Atleticos organizaram e realizaram a 1ª Pauli-Med.

A Competição correspondeu e chegou mesmo a superar os melhores cálculos. Foi uma bonita festa de confraternização entre os acadêmicos de Medicina. A Competição foi ótima, fazendo-se notar o equilíbrio entre os participantes e a torcida compareceu em péso a fim de levar o calor do seu incentivo e o aplauso aos seus bravos atletas.

O sucesso desta primeira realização foi tão grande que se chegou a pensar na sorte da Pauli-Poli e da Mac-Med, que num futuro bem próximo, talvez, cheguem a ser superados e a ser substituídos pela Pauli-Med.

No dia 30 de março à tarde, no Pinheiros tivemos a abertura da Pauli-Med, com as provas de atletismo. Todas as provas foram renhidamente disputadas e a vitória final somente foi decidida na última prova com a Pauli sagrando-se vencedora. O desempenho da Med foi além das expectativas, pois perdemos por apenas 9 pontos da Pauli que é a atual equipe campeã universitária. O que é um resultado muito honroso. Está de parabéns a equipe caveira e em especial o seu diretor Norberto e o técnico Vasco que souberam comandar tão bem a turma da Med. As moças caveiras também não conseguiram superar as escolárias, perdendo por uma diferença de somente cinco pontos.

Na segunda-feira tivemos futebol de salão na Hebraica. Toda Med esperava uma derrota caveira, pois além da equipe da Pauli ser a campeã universitária paulista da modalidade, esta foi reforçada por calouros "co-bras". Isto, porém, não foi motivo para esmorecimento da equipe da Med. Ao contrário treinaram com afinco e na quadra os pupilos de

Ronaldo mostraram que sabem jogar bem, e dominaram todo o jogo e somente não ganharam o prêmio, cedendo o empate por três tentos por uma dessas consequências do futebol. Estão de parabéns os jogadores caveiras.

À tarde do dia seguinte os enxadristas caveiras não tiveram maiores problemas para impôr a sua melhor classe, embora os escolários tenham lutado bastante. E as moças caveiras surpreenderam a todos obtendo uma merecida vitória. A elas as nossas felicitações.

Na quinta-feira, à noite, na piscina do D.E.F.E. tivemos o polo aquático. A equipe da Med fazendo alarde de sua melhor categoria não teve nenhuma dificuldade para golear por dez tentos a um.

No dia seguinte à tarde no campo do Nacional assistimos ao jogo de futebol. A Pauli (campeã universitária paulista) de um lado e do outro a Med, desejosa de mostrar que também sabe jogar; jogaram uma partida bastante equilibrada até que a Pauli aproveitando-se de uma oportunidade, logrou vencer por um tento a zero.

Tênis foi disputado à noite no ginásio do Pacaembu. A partida mais emocionante foi travada entre Shinichi e Luciano que teve a duração de aproximadamente três horas. No final da qual o primeiro sagrou-se vencedor por dois a um. As duas outras partidas foram facilmente vencidas por tenistas caveiras.

A partida de beisebol que era aguardada como sendo bastante equilibrada, não a foi. A equipe caveira demonstrando melhor preparo se impôs categoricamente por dezoito a cinco, no quinto inning à equipe escolária.

Voleibol disputado à noite na Hebraica teve como vencedor a Pauli. A equipe caveira esteve numa noite infeliz e irreconhecível, sendo poucos os que jogaram o que realmente sabem. Uma vitória merecida da Pauli por três a zero. Na preliminar as moças da Med, bem orientadas por Carazato venceram por dois a um.

À tarde de sábado houve ténis de mesa nos poões da Faculdade. Se a vitória sorrisse para as moças da Pauli haveria empate na contagem geral. Daí ser absolutamente necessária uma vitória para as cores escolárias, enquanto que para a Med havia necessidade também da vitória para assegurar a vitória final. E as moças da Med corresponderam à ex-

pectativa vencendo com certa facilidade todas as quatro partidas programadas, garantindo, desta maneira, a vitória da equipe feminina na 1.ª Pauli-Med.

Com a contagem geral assinalando Med quatro pontos e meio e Pauli três pontos e meio, chegamos à partida de cestobol. Se a Med vencesse esta partida teria assegurado a sua vitória na 1.ª Pauli-Med; se a Pauli vencesse, provocaria o empate; necessitando-se de desempate que seria efetuado na prova de futebol de salão. Foi sob esta expectativa que teve início o jogo; a Pauli aproveitou-se no marcador logo de início e no final do primeiro tempo tínhamos vinte e um a dezoito para a mesma. Melhor preparados, os cestobolistas caveiras não esmoreceram e voltaram mais dispostos no juiz, sagrando-se vencedores por quarenta e sete a quarenta e três pontos.

Com este resultado a Med, no seu cinquentenário, conseguiu realizar o proeza de vencer a 1.ª Pauli-Med, conquistando por esse glorioso feito o troféu Tênis Iris.

Todos os atletas, técnicos e dirigentes da Med estão de parabéns por esta brilhante segundo tempo e sob o calor da torcida lutaram bravamente até o apito final da vitória. Vitória que tem um significado todo especial, pois trata-se da primeira disputa da Pauli-Med e pelo fato de estar, a Faculdade e o C.A.O.C., comemorando o jubileu de ouro.

A Pauli-Med trouxe muitas lições que devem ser aproveitadas pela Med, a fim de não voltarem a cometer erros verificados nesta competição e procurarem aperfeiçoar e melhorar os pontos positivos.

Esperamos, realmente, que todos os atletas, técnicos, dirigentes, procurem e saibam tirar o máximo desta 1.ª Pauli-Med e que todos desde já procurem se preparar intensa e metódicamente visando a vitória na Mac-Med.

—0—

RETALHOS DA AAAOC

Duzentas e quinze medalhas estão sendo disputadas no Torneio Interno da Med. Estas medalhas serão distribuídas nas provas de atletismo (masculino e feminino), bola ao cesto, beisebol, futebol, futebol de salão, halterofilismo, judô, natação (masculino e feminino), polo-aquático, remo, ténis, ténis de mesa (masculino e feminino), voleibol e xadrês.

INSTITUTO DE MEDICINA E CIRURGIA

Medicina — Cirurgia — Maternidade — Raio X — Ortopedia e Pronto Socorro Dia e Noite

Diretor: DR. S. DANIACHI

ABERTO A TODOS OS MÉDICOS

Rua Humaitá n.º 409 — Telefone: 32-7019 — São Paulo

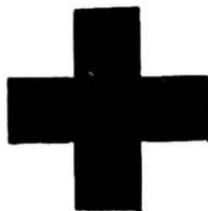
PRONTO SOCORRO IGUATEMI

PÔSTO PERDIZES: Cardoso de Almeida, 171 com serviço de Rádio comunicação

ADULTOS E CRIANÇAS

80-0000 -- 8-1111

PÔSTO CENTRAL: Rua Iguatemi, 444
PÔSTO PINHEIROS: Rua Iguatemi, 2156



Vamos todos participar do Torneio Interno.

E por falar no Torneio Interno, tivemos a auspiciosa vitória dos calouros nas provas de natação, onde foram quebrados cinco recordes, que foram disputados no dia 20 de abril p.p. Merece também destaque especial os doutorandos por terem compecido e prestigiado a competição. São exemplos que devem ser seguidos.

Eldo Franchini, Hisashi Nomura, José Pasqualin, Luiz Alcides Manreza, Mario Soares Jr., Ossamu Butugan foram os organizadores, pela Med da 1.ª Pauli-Med, que tão brilhantemente foi vencida pela Med. A Med começou com o pé direito nas suas atividades esportivas.

Informa-nos a Comissão da 1.ª Pauli-Med que a mesma alcançou os melhores êxitos, e para isto muitos foram aqueles que cooperaram. O Sr. Boris Epstein da Hebraica colaborou decisivamente no sucesso da competição cedendo as instalações esportivas. O patrono geral da Competição foi o ilustre desportista LEÃO TCHAKERIAN. E os patronos das provas: beisebol: Dr. Ikuron Fujimura, cestobol: Dr. Antonio Carlos Junqueira, futebol: LAFI (Laboratório Farmacêutico Internacional), futebol de salão: Dr. Bernardino Tranchesi, polo-aquático: Dr. Eros A. Erhardt, ténis: Dr. Walde-

mar de Carvalho Pinto Filho, voleibol: Sr. Joil Schwartz, xadrês: Sr. Massakatsu Nozaki. A eles e a todos que colaboraram de uma ou de outra forma para que a competição atingisse o sucesso, os agradecimentos da Comissão.

A Med por esta vitória na Pauli-Med conquistou um bonito troféu, o troféu gentilmente ofertado por Tênis Iris. Almejamos que esta conquista seja o início das vitórias "caveiras", neste ano de Jubileu de Ouro da FMUSP e do CAOC, até atingir o "climax", vencendo a Mac-Med.

E a Mac-Med será muito superior a dos anos anteriores. Foi o que nos contaram os membros da Comissão, isto devido ao fato, da Faculdade e o C. Acadêmico comemorarem o seu cinquentenário de Fundação. Para tanto estão trabalhando desde março.

As reformas da Praça de Esportes da Atlética prosseguem em ritmo acelerado. Assim, é que, a pista de atletismo já está quase remodelada e os trabalhos no vestiário masculino estão em fase bem adiantada. Vamos todos auxiliar a Atlética nessa campanha de reforma.

Colaborem com a Atlética comprando um numero de Rifa.

o D. F. nos esportes

Este ano, ano do cinquentenário do C.A.O.C. apresenta-se promissor. Nos treinos de atletismo com Vasco Brito, de natação com Sato e de vôlei, a frequência esta sendo relativamente boa. Também nossa atividade externa promete ser fora do comum.

De 30 de março a 7 de abril, com a Pauli-Med, participamos das competições de atletismo, xadrês, ténis de mesa e vôlei. Participamos outrossim dos campeonatos de vôlei atletismo da F.U.P.E.

Os jogos do campeonato universitário paulista de vôlei, iniciaram-se agora em maio e irão até o fim do ano, enquanto que os de natação serão em meados do 2.º semestre.

De um modo geral, portanto, as atividades esportivas femininas programadas serão equivalentes às dos anos passados. Nota-se entretanto, interesse mais objetivo demonstrado pelas meninas por estas mesmas atividades.

Esperamos somente que esta excepcional disposição não decline com o correr do ano, pois, sem entusiasmo e esforço pessoal, jamais conseguiremos a dinamização do esporte feminino em nossa Faculdade.

DIANA

Aos calouros de 1963

ex-alunos do CURSO 9 DE JULHO

as homenagens e votos de felicidades na

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Curso 9 DE JULHO

— de —

Vestibulares de Medicina
Geraldo Camargo de Carvalho

PRAÇA DA LIBERDADE, 262 — 1.º e 2.º AND.

SÃO PAULO

previlégio do ensino

(Conclusão da pág. 4)

pecilho em dois sentidos, de um lado, impedindo por corte econômico o acesso de maior número de pessoas à Faculdade e, por outro, impedindo uma melhoria do ensino pré-universitário dos colégios por maior exigência cultural do vestibular.

As únicas modificações sofridas, no ensino foram de ordem administrativa, assim mesmo guiadas por objetivos reacionários (Lei de Diretrizes e Bases). Do ponto de vista do conteúdo pedagógico não houve, praticamente, alterações.

Se, então, se procura exigir em um vestibular um nível de conhecimentos diferente do tradicional, visando, também, a mudar o critério de seleção não é o curso secundário que se encarrega de fornecer esses conhecimentos em maior prazo e, sim, o cursinho em caráter

precário e sem qualquer efetividade.

Pode-se até prever que se for exigido um teste psicotécnico de caráter vocacional o cursinho não negará a preparação de seus alunos neste sentido, mediante compensação financeira.

De tudo isso inferimos que qualquer medida modificativa do vestibular apresentará duas situações delicadas:

1.º) colaborará com um erro, se bem que ainda necessário. Só será válida, objetivamente, a preocupação que diminua as dimensões do erro e, isto, em parte, está sendo tentado em nossa escola;

2.º) colaborará diretamente com a exploração dos cursinhos aumentando os meios de assalto aos alunos, tornando muito mais difícil, financeiramente, frequentar o cursinho, que a própria faculdade.

Finalmente, se observarmos que essa tendência ao privilégio ocorre num ensino, que já nasce privilegiado, não é admissível o silêncio e a inatividade do movimento universitário na denúncia e na correção de todas essas injustiças, pois do contrário significará a cumplicidade com os interessados na manutenção desta situação criminosa.

Berilo Langer 5.º anista

LINGERIE
BARUK

ENXOVAIS
PARA NOIVAS

R. Cav. Basílio Jafet, 127
2.º andar sala 26
travessa 25 de Março

"o bisturi" no tempo "deles"

Iniciamos neste número uma seção dedicada à publicação de artigos extraídos de O BISTURI de anos anteriores.

A função desta seção é a de permitir a comparação entre as mentalidades, as aspirações, os objetivos, etc. dos acadêmicos de hoje, e as dos acadêmicos que cursaram nossa Escola numa época em que talvez muitos de nós não fossemos nascidos.

ANO VIII — N.º 35
14/9/1948

O FUNDADOR E O 1.º PRESIDENTE DO CAOC

Uma entrevista do sr. Waldomiro Guilherme de Campos por João Belline Burza nos não fossemos nascidos.

São Paulo, 31 de agosto — Ao aproximar-se a época de aniversário de nosso centro, tivemos a atenção voltada um pouco para a sua história. Lemos notícias velhas que, vagamente, a isso se referiam. Mesmo, os anais que o centro possui não trazem uma tradução verdadeira dos acontecimentos do seu passado. Por isso, achamos oportuno, agora, procurar quem melhor pudesse nos informar a respeito da primitiva história do CAOC.

Vimos a saber que fora seu fundador, o Dr. Waldomiro Guilherme de Campos. Por indagações sucessivas, enfim chegamos a obter um número de telefone, que nos colocou em comunicação direta com o Dr. Waldomiro G. de Campos.

Dissemo-lhe, assim, que era nosso desejo falar ao fundador do nosso Centro, afim de colher alguns dados da sua fundação. Numa expressão generosa, que desde logo demonstrava o mais carinhoso acolhimento, respondeu que estava à nossa inteira disposição e que o fôssemos encontrar no dia seguinte, à tardinha.

E assim foi. Na Rua Livre n.º 32 funciona a Associação Auxiliadora "União e Trabalho". Batemos lá e, ao saber da nossa visita, fez-nos entrar imediatamente na sua sala de consultas. O Dr. Waldomiro G. de Campos.

Um homem muito simples — esse foi o ponto que nos prendeu a atenção —, estatura mediana, corpulento, aparentando pouco mais de 50 anos, palavras boas e juvenis de recepção, atendeu-nos carinhosamente.

— "Sentimo-nos honrados em cumprimentar, no Dr. Waldomiro G. de Campos, uma pessoa ilustre e grata aos estudantes de Medicina" — fomos dizendo. E o Dr. Waldomiro afirmou-nos, também, estar imensamente feliz em ter sido lembrado e procurado por nós.

Conta-nos, a princípio, sentado diante de sua mesa que é o médico mais antigo da Associação Auxiliadora "União e Trabalho" da qual é o diretor clínico. Passa a tarde inteira ali atendendo aos inúmeros clientes, depois a casa é meio baixa, sem escadas, o que não lhe incomoda a leve hipertensão. Sempre que quizessemos encontra-lo, que o procurássemos à nossa vontade.

Dai, começamos a discorrer sobre o motivo da entrevista.

— Por que, Dr. Waldomiro, o Sr. teve essa idéia de fundar, no seu tempo de estudante de Medicina, um Centro, o nosso Centro?

— Foi pelo seguinte. Naquele tempo, eu já vinha habituado, desde vida ginasial, a frequentar essa espécie de grêmios literários e recreativos. Antes de minha entrada na Faculdade, nós todos, amigos e companheiros, gostávamos de ir, assiduamente, a 3 grêmios, que eram mais ou menos nossos; um, Centro Literário e Recreativo «Alvares de Azevedo», no Bráz; outro «Euclides da Cunha» na Praça de Sé; à rua Tabatinguera, ficava o 3.º, o «Joaquim Nabuco». Eis por que, foi só ingressar na Faculdade, já levava incubada essa incli-

nação de organizar, oportunamente, também um Centro entre os colegas.

— Como, em que estado de espírito, os seus colegas e os professores receberam a sua idéia?

— Lançado esse meu propósito, foi ele acolhido entusiasticamente pela grande maioria, ou senão por todos os acadêmicos. Então, começamos a pugnar por tal iniciativa, até que o Dr. Arnaldo, nosso Diretor, permitiu que nos reuníssemos no porão da Escola Alveres Penteado, onde fomos expondo elaboração dos estatutos.

— Por que se reuniam na Alveres Penteado?

— É que nessa Escola, no seu último andar, funcionava Cadeira de Parasitologia, a cargo do Prof. Celestino Bourroul e Brumpr; na Politécnica, por exemplo, tinhamos Física e Química pelo Prof. Edmundo Xavier e eram preparadores, respectivamente, Rafael de Barros e Aguiar Pupo, de modo que nós realizávamos as nossas sessões no porão da Alveres Penteado e sempre costumava assistir-las o Prof. João Egydio de Carvalho, secretário da Faculdade, que se divertia com a movimentação dos nossos planos. Não houve, porém, nenhum sinal de apoio por parte de qualquer professor. Assim passamos, até que se completaram os estatutos, e então se marcou a época para a eleição da 1.ª Diretoria.

— O Doutor pode nos precisar essa época?

— A data certa não me recordo. Mas, posso lhes garantir que foi durante a 1.ª quinzena de julho. A 1.ª eleição realizou-se no salão do Conservatório Dramático Musical de São Paulo e apresentaram-se 6 chapas para disputar o pleito, sendo que meu nome figurava em tôus elas como único candidato à presidência.

— Qual foi a 1.ª Diretoria do Centro e quais os seus colaboradores mais diretos?

— Fomos eleitos; eu no cargo de presidente; Arthur Costa Filho — vice-presidente; Synésio Rocha — orador, Odete Santos Nora, Danton Vampré, e outros nos demais cargos. Tenho que salientar o trabalho e cooperação para fundação do Centro de Costa Filho, de largo conceito na Saúde Pública de São Paulo. Danton Vampré hoje advogando prestigiosamente no Fórum; Benjamin Reis que era «amanuense» da Secretaria; Albatémio Caiado de Godoy; Ferreira Santos; Domingos Faria, hoje Secretário da Faculdade de Medicina; Brasil Ramos Caiado que foi presidente do Estado de Goiás, no período presidencial do Dr. Washington Luiz, etc.

— O Sr. lembra quem sugeriu o nome para o Centro?

— Não consigo me recordar de que tenha partido a sugestão de denominar Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz», mas sei que foi unanimamente aceita esta homenagem ao grande cientista patricio. Nesta altura, há uma passagem curiosa que

não me foge à memória; é o fato do colega Herculano Macuco ter proposto o nome do Dr. Rodrigues Alves, então Presidente do Estado.

— Dr. Waldomiro Campos, para que finalidades os senhores destinavam programa inicial do Centro?

— Tínhamos o intuito de promover reuniões literárias, recreativas e, principalmente, contribuíam as nossas reuniões para congregar os estudantes no sentido da defesa e conquistas dos interesses e idéias comuns.

O Dr. Waldomiro Guilherme de Campos sempre me respondia com máxima amabilidade e achou graça, quando lhe confessamos ter levado uma porção de perguntas e que nos acanhávamos de tanto incomodá-lo.

— Possui o doutor algum documento histórico?

— Tenho lembranças de alguns estarem guardados comigo, pois as primeiras cartas eram feitas em papel avulso. No momento, entretanto, não as encontrei e teria muito prazer em exhibi-lhes.

— Durante quanto tempo durou a gestão da 1.ª Diretoria?

— A nossa Diretoria encerrou o seu mandato, aliás, em virtude de um incidente.

Estávamos em 2.º exame parcial e publicaram-se as notas do 1.º. Diversos alunos ficaram descontentes com o resultado de Química. Por esse motivo surgiram desinteligências entre os insatisfeitos e o Prof. Edmundo Xavier e o Diretor da Faculdade. Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho. Em consequência, muitos foram suspensos por prazo indeterminado, entre os quais eu e outros companheiros de Diretoria do Centro nos achávamos. O Centro «XI de Agosto» hipotecou-nos seu apoio. Afinal conseguiu-se uma conciliação satisfatória e os estudantes re-preendidos voltaram após 15 ou 20 dias. Mas, eu já havia resolvido transferir-me para a escola de Medicina do Rio, onde prossegui os estudos.

— Dr. Waldomiro, quem lhe sucedeu na presidência? (ariscamos a última pergunta).

— Creio que foi Jayme Candelaria, por sua vez substituído por Ernesto Souza Campos, que teve uma longa gestão. Mais alguns minutos de encantadora e agradável palestra com o Dr. Waldomiro, em que ele declarou sua admiração sincera pela fase atual do Centro, do vasto campo de atividades; e deixamos cativos pela sua simplicidade de trato, a atenção excessiva e cavalheiresca, bem como pela imensa simpatia e camaradagem demonstradas para conosco.

E diante da revelação inédita palpante proporcionada às colunas de «O Bisturi», fixando definitivamente a sua personalidade na história do CAOC, não podemos deixar de, em ocasião oportuna, render ao Dr. Waldomiro Guilherme de Campos, em sessão solene do Centro, uma homenagem a que faz jus.

a morte do leucócito

"O leucócito é o herói obscuro de todos os dias..."

(Coprestase Metchiwikoff)

Meu canto de morte,
Bacilos ouvi!
Sou filho de um baço,
Num baço nasci.
Bacilos, descendo.
Do tecido linfóide
Que vêdes aqui.

Já vi cruas brigas,
De células inimigas,
E as duas fadigas
Da fagocitose, provei.
Nos focos purulentos,
Senti virulentos,
Os produtos violentos
Dos germes que odiei!

De aventuras, com sede
Junto com meus pares,
Vaguei pela rede
Dos tais capilares.
E vi nas artérias,
Grandes monócitos
Por estranhas bactérias,
Vencidos, aflitos

E os tecidos atacados,
E os recursos esgotados,
E os leucócitos, coitados,
Sem fermentos — lisados.

E a hemácia gentil,
Servindo ao micróbio
Que vinha hostil,
Trazendo o opróbio

Sob a ação das toxinas,
Meu último amigo,
Lisado, sem abrigo
Desfez-se, junto a mim.
Do terrível miasma
Do seu protoplasma,
O acérbio mau cheiro
Comigo soufri.

Um cosinófilo ao meu lado,
Em parte lisado,
Núcleo arruinado
Firmava-se em mim.
Nós dois acossados,
Por germes esfaimados
Chegamos ao baço
A salvos enfim!

O cosinófilo no entanto,
Sofrendo já tanto
De fome e quebrando,
Só queria morrer.
Não mais me contenho:
Nos vasos me embrenho.
Dos fermentos que tenho
Me quero valer.

Então lá na aorta,
Cai prisioneiro,
De germes em saque
Que vinham da porta
A sorte, no baço,
Do velho cosinófilo
Tão má me parece
Que meu núcleo se entorta
Se picnosa, entristece

Eu era teu guia,
Na corrente sanguínea,
A só alegria
Que a infecção lhe deixou.
Em mim se apoiava,
Em mim descansava,
E se fagocitava,
Devia-o a mim
Neutrófilo que era!

Ao cosinófilo no entanto,
Sofrendo já tanto
De forma e quebranto
Que resta nest'hora?
Já o vejo atacado
Por germe malvado,
Que nele se assanha,
Seu núcleo abocanha,
Citoplasma devora.

Não vil, não ignavo
Mas forte, mas bravo
Bacilos — me tendes!
Fazei-me morrer!
Minha pátria vencida,
A família já morta,
Mais nada me importa,
Não quero viver.

notas sobre o C. A. O. C.

Ao assumirmos a Diretoria do CAOC em dezembro do ano passado, duas perspectivas mais de perto nos norteavam: os problemas da Casa do Estudante e Restaurante e o Cinquentenário.

Propusemo-nos então a resolver os referidos problemas, que têm desafiado os colegas que têm passado pela direção do CAOC. Quanto à Casa do Estudante, temos uma verba de 800 mil cruzeiros para a construção do 1.º pavilhão que abrigará mais doze colegas do interior. Esperamos, ao findar nossa gestão, colocar a disposição dos colegas do interior mais necessitados estas novas 12 vagas.

O Restaurante, também é outro assunto sério. Pretendemos resolvê-lo, e provavelmente o faremos, visto termos recebido da Reitoria da U.S.P. uma verba de 3 milhões de cruzeiros. Os colegas encarregados da execução do plano de reforma do Restaurante já fizeram as primeiras compras, em breve teremos nosso novo Restaurante.

A outra perspectiva que

nos abria ao tomarmos posse é o Cinquentenário. Comemoramos este ano 50 anos de atividade do nosso C. Acadêmico, são 50 anos de lutas, glórias e tradições. Para comemorar condignamente o magno acontecimento, elaboramos um vasto programa de festividades, que constará de: abrindo oficialmente as comemorações, tivemos a 2 de abril p.p., data da fundação de nossa Faculdade uma Missa Campal e uma Aula Solene comemorativa à data. Em maio teremos uma Exposição de pintura e a 31 o Banquete do Ciquentenário do CAOC a se realizar no Fasano. Em junho, um ciclo de conferências sobre literatura brasileira. Em agosto: Exposição sobre Moléstia de Chagas e Museu histórico sobre Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, na Galeria Prestes Maia. Em setembro: início dos festejos dia 8 com o Grande Prêmio Oswaldo Cruz, Exposição sobre Esquistosomose na Galeria Prestes Maia, Noite da Cerveja no Esporte Clube Pinheiros, Assembléia Geral

do CAOC para homenagear todos os ex-presidentes e ex-diretores da Faculdade de Medicina, Concerto no Teatro Municipal, Festival de Bossas Nova e Velha, Missa na Catedral em memória a Oswaldo Cruz, Arnaldo Vieira de Carvalho, ex-professores e ex-alunos já falecidos. Encerrando o programa de festividades, faremos realizar no dia 14, data oficial de fundação do CAOC, o Baile do Jubileu de Ouro nos salões do Jôquei Clube. Ainda publicaremos a revista comemorativa ao Cinquentenário e pretendemos realizar um ciclo de conferências sobre Sociologia.

Aproveitando as colunas de «O Bisturi» nos dirigimos a todos os colegas, especialmente aos «calouros», solicitando que se entrossem no CAOC, através de seus vários Departamentos a fim de trabalharem um pouco em pról de nosso tradicional e querido Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» no ano de seu Jubileu de Ouro.

A DIRETORIA



Aspison
Bequicon
Betamicetin
Bituelve
Colicilin
Colistin
Clorana
Clorana-Reserpina
Disteoxina
Glisema
Hepatuelve
Kanamicina
Metisone
Nosedrina
Orodin
Papaverin
Tuelve-b
Vagosin
Variotin

LABORATÓRIO FARMACÊUTICO INTERNACIONAL S. A.

Rua Lisboa, 890 — São Paulo
Indústria Brasileira

(Conclusão da pág. 2)

volvido. Milhares de criaturas morrem à mingua, insuladas em extensíssimas regiões, abandonadas à própria sorte, vítimas da mais revoltante incuria das autoridades corruptas.

Centenas de focos endêmicos imolam, anualmente, no pelourinho que têm sido grandes áreas de nosso país, milhares de crianças, num patente e confrangedor desafio às nossas pretensões de povo civilizado.

O analfabetismo sufoca em seus terríveis tentáculos, um povo ávido, já não de justiça, mas de comisseração; destrói e esteriliza todos os empreendimentos que visam ao progresso de nossa gente, e cria uma casta perigosa de desajustados e desamparados.

A fome, enfim, resultante de toda a sorte de vícios, de embustes, mantida por uma minoria de costumes e moral falidos, ronda-nos os passos como espectro aniquilador.

Por isso nós nos levantamos, muita vez, com todo o ímpeto de nossas forças bradamos com toda a energia de nossas convicções, e empreendemos fortíssimos movimentos de verdadeira profilaxia de costumes políticos.

Se erramos? É possível. Sublime o erro dos que timbram em acertar, aspirando tão somente ao bem-estar da coletividade. Porque estes saberão encontrar no próprio erro, as virtudes que ele encerra como experiência.

A nossa luta apenas principiou na vida universitária. Trazemos conosco e as levaremos até onde formos solicitados, até quando não nos debilitarem as forças, a mensagem de fé e a experiência haurida na vivência da realidade nacional.

Saiba a sociedade, representada na excelência da classe mais legítima: a que trabalha incansável e resignadamente numa estrutura deformada; a que suporta com inacreditável esperança, o desamparo que a desfigura, mas não despersonaliza; a que sobrevive, a poder de uma força extraordinária, às catadupas de injustiças que tentam brutalizar o nosso homem; saiba a sociedade que nunca nos apartaremos dessa luta.

Não podemos contemplar, impassíveis, o panorama desalentador do nosso subde-

envolvimento. Não podemos assistir, indiferentes, ao triste cortejo de misérias que assoberbam as populações rurais. Não podemos permanecer inertes diante do culto que se faz à inversão de valores.

Eis por que encetamos ou prestigiamos, ainda acadêmicos, os grandes movimentos de moralização; eis por que, muita vez, participamos das lutas pelas grandes soluções; eis por que combatemos, em audaciosas cruzadas, as reformas divorciadas de nossa realidade, ou que lhes ocultam no íntimo os condenáveis e escusos métodos de embaimento do povo.

Eis os princípios, soberanos e sadios, em que estribamos a vida universitária.

E hoje, que nos graduamos em medicina; que somos lançados no seio da sociedade como elementos profissionalmente ativos, cumpre-nos expor a nossa profissão de fé.

Sabemos as limitações que nos impõe o exercício da medicina.

Sabemos a responsabilidade que ela nos acarreta.

Sabemos que somos desarmados para a solução direta de nossas questões sociais, dentro da essência de nosso trabalho; porque constante dedicação ao aprimoramento de nossos conhecimentos científicos há de nos absorver grande parte de nosso tempo.

Porque, sobretudo, saímos dessa Faculdade apenas como médicos.

Mas cada um de nós saberá ser o porta-voz dos reclamos de nossa Pátria, contribuindo com a experiência de vida na edificação de um país mais forte, mais fecundo, libertado da miséria que o sufoca.

Seja qual for a modalidade de nossa atividade médica: no recesso de um lar, rico ou pobre; no silêncio de um laboratório; na roça ou na cidade; no consultório ou numa escola, haveremos de cumprir com a palavra empenhada na felicidade de cada um e no benefício de todos.

E em todos os momentos, manteremos vivos na memória os vultos dos que nos ensinaram ou ajudaram, e os dos infelizes indigentes que sempre amamos ao longo de nosso aprendizado.

Aniz Auad

como gastar ..

(Conclusão da pág. 2)

que tenham de trabalhar para poder pagar os seus estudos, não poderemos dizer que existe para todos igual oportunidade de se vencer um exame vestibular e cursar uma faculdade.

★

Isto, colegas da FMUSP, foi o que nos disse o engenheiro Renzo Rossa. Em nome do *Bisturi* nós queremos expressar-lhe o nosso agradecimento pela boa vontade com que nos deu estas informações.

Gostariamos de tecer algumas considerações sobre o que nos disse o colega, Renzo, mas na realidade o nosso modo de pensar coincide em sua totalidade com o dele.

Já é quase clássico considerar-se o estudante como um sujeito intrinsecamente "duro". Durante o curso universitário não perdemos ocasião de arranjar "bocas" de reclamar o preço das refeições (principalmente os do restaurante do CAOC), o preço das conduções, vive-se a pedir descontos em teatros e quando se pode dá-se um pindura, e assim por diante. De repente, quando acaba o curso, não se sabe como nem porque, o quadro muda de figura. Já não somos mais estudantes "duros" e promo-

venhos faraônicas festas de formatura, nas quais não raro se gastam quase dois milhões só no baile. Mesmo aqueles mais "revolucionários" despem-se de seus orgulhos de defensores dos espoliados e em vez de se identificarem com estes aparecem como grandes burguezes, como no fundo o são.

Por tudo isso, acreditamos que o exemplo dos engenheiros de 1962 da F.EI merece ser imitado e não podemos deixar de propor que tal medida venha a ser adotada pelas próximas turmas de formandos da... FMUSP.

Que as Comissões de Formatura, portanto, discutam desde já a possibilidade de dar melhor destino aos milhões que serão torrados em poucas noites de festa, é o nosso veemente pedido.

O Departamento Beneficente Arnaldo Vieira de Carvalho, que vem lutando com grande dificuldade para arranjar meios de subsistência a numerosos alunos que lutam contra a falta de recursos, distribuiria, temos certeza, com a maior satisfação e justiça os milhões que forem recolhidos dos formandos.

EDER TREZZA - 5.º anista

indicador profissional

PROF. E. J. ZERBINI

Cirurgia Torácica — Rua Itapeva, 500 — 6.º andar — Fone: 37-8797 — São Paulo

PROF. DR. JOSE' MEDINA

Catedrático de Clínica Ginecológica na Faculdade de Medicina e na Escola Paulista de Medicina — Moléstias de Senhoras — Partos — Operações — Consultório: Avenida Brig. Luiz Antonio, 1.234 — Telefone: 32-2902 — Residência: Avenida Brig. Luiz Antonio, 1.030 — Telefone: 32-7073 — Consultas das 14 às 19 horas

DR. JOÃO TEIXEIRA PINTO

Neurologia — Neurocirurgia — Rua 7 de Abril, 79 — 9.º and. salas 904/905 Fone: 34-4276

DR. ROBERTO MELARAGNO FILHO

Livre Docente de Clínica Neurológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Rua Itapeva, 500 Conj. 9-C Telefone: 37-2959

DR. JOÃO SAMPAIO GOES JR.

Ginecologia — Patologia Mamária — Esterilidade Conjugal — Rua Itapeva, 500 — Conj. 7-D — Telefone: 32-8711

ELECTRENCEFALOGRAFIA

DR. ADAIL FREITAS JULIANO

C.R.M. 3.765 — Rua Marconi, 53 6.º andar Telefone: 34-8649

DR. DOMINGOS ANDREUCCI

Docente Livre de Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo — Rua Xavier de Toledo, 210 6.º andar - Conj. 61 Telefones: 34-2919 e 31-2529

DR. M. POLAK

Moléstias do Aparelho Digestivo - Avenida Paulista, 2.073 (Conjunto Nacional) - 6.º andar - Sala 602 Telefones: 35-2233 e 80-8317

DR. FERNANDO P. FACCHINI

Pediatria e Puericultura Rua Itapeva, 500 5.º andar Conj. 5-C Telefone: 37-4915

DR. ROLANDO A. TENUTO

Docente Livre Neurologia Neurocirurgia Rua Itapeva, 500 9.º andar Telefone: 36-6073 (Marcar hora)

DR. MARCO ELISABETSKY

Ouvidos Nariz - Garganta - Rua Cons. Crispiniano, 20 - 2.º andar S/204 Telefone: 35-3896

'LAB. LAVOISIER DE ANÁLISES CLÍNICAS (Aberto dia e noite, sábados, domingos e feriados inclusive) Avenida Angélica, 2.132 Telefone: 51-2660

INSTITUTO DE HEMATOLOGIA E PATOLOGIA CLÍNICAS DE SÃO PAULO
Direção DR. MICHEL JAMRA - DRA. TEREZINHA VER- RASTRO e DR. EURICO COELHO - Rua Itapeva, 500 (Térreo)

CLÍNICA DE OLHOS SÉRGIO CUNHA

Av. Angélica, 1.660 - Telefone: 52-2634 Das 14 às 19 horas

DRS. BERNARDINO TRANCHESI E JOÃO TRANCHESI

Clínica Médica Cardiologia Eletrocardiografia - Rua Itapeva, 500 9.º andar Telefone: 34-6384

DR. NORBERTO BELLIBONI

Moléstias da Pele Alergia Sífilis - Livre Docente da Clínica Dermatológica de Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Consultório: Praça da República, 386 - 9.º andar - Conj. 93 Consultas com hora marcada - Telefone: 36-5141 Residência: Rua Bueno de Andrade, 708 Apto. 4

CLINICA DE CIRURGIA PLÁSTICA — DR. O. LODOVICI

Assistente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Correção de defeitos adquiridos e de nascença - Cirurgia Estética - Consultas às 2.a, 4.a e 6.as-feiras, das 15 às 18 horas HOSPITAL MODELO Rua Tamandaré, 753 - S/107 Telefone: 33-9124

DR. RUBENS MONTEIRO DE ARRUDA

Cirurgia Torácica Avenida São João, 1.151 9.º andar Telefone: 52-6773

DR. CARLOS EDUARDO DE FIGUEIREDO FERRAZ
Professor da Faculdade de Medicina de Sorocaba - Assistente do Serviço de Fisioterapia do Hospital das Clínicas

DR. WALTON CARNEIRO

Assistente do Serviço de Fisioterapia do Hospital das Clínicas Ex-Fellow da Clínica Mayo (E. U. A.) Viaduto Nove de Julho, 181 - 11.º andar -Tel.: 36-6878

CLINICA DE MOLÉSTIAS VASCULARES

Doutores: — L. E. PUECH LEAO — J. BUENO NETO — MARCUS WOLOSKER — MARIO CINELLI JR. Rua Peixoto Gomide, 763 — Telefone: 31-7121

A ANATOMIA PATOLÓGICA E' A CADEIRA BÁSICA DO ENSINO MÉDICO

DR. GERALDO CRUZ

Ouvidos - Nariz - Garganta - Rua Itapeva, 500 - 3.º andar Conj. 3-B Fone: 34-7802 Residência: Telefone: 73225

DR. AMÉRICO PAULO MORGANTE — DR. JOSE' DE FREITAS — DR. SÉRGIO ESTEVES

Ouvidos - Nariz - Garganta - Rua Marquês de Itú, 306 - 4.º andar - Conj. 44 das 16 às 18 horas

DR. ANTONIO BRANCO LÉFÈVRE

Livre docente da Clínica Neurológica U. S. P. - Rua Itapeva, 500 - 10.º andar - Telefone: 33-9057

DR. NEMÉSIO BAILÃO

Clínica Médica Eletrocardiopatía - Rua Marconi, 138 4.º andar S/407/408 Telefone: 34-6686

DR. ISRAEL NUSSENZVEIG

Clínica Médica - Nefrologia - Cons.: R. Antônio de Godói, 20 - 8.º andar - S/81 - Telefone: 36-8345

DR. FRANZ MUELLER

Moléstias das Senhoras Obstetria Esterilidade - Rua Martins Fontes, 164 - Conj. 808 - Telefone: 34-5740 - Das 15 às 18 horas

DR. PLINIO DE TOLEDO PIZA

Docente Livre da Clínica Oftalmológica Cons.: Rua 7 de Abril, 118 8.º andar Telefone: 36-3162

DR. MILTON ZUCCOLOTTO

Clínica Pediátrica Rua Andrade Neves, 110 Telefone: 5-0077

DR. MILTON ZAIDAN

Psicoterapia Psiquiatria infantil Avenida Paulista, 491 1.º andar Fone: 31-5314

DR. MANOEL DE BARROS MATTOS

Oftalmologia Rua Voluntários da Pátria, 2.205 Santana

DR. LUIZ GUSTAVO WERTHEIMER

Docente Livre da F. M. U. S. P. - Ortopedia e Traumatologia Cons.: Avenida Angélica, 2.754 - Fones: 52-9808 e 52-0808 Residência: Rua Benedito Chaves, 153 Telefone: 8-8123

DR. JOSE' DE ARAUJO

Pediatria Rua São Carlos do Pinhal, 26 (esquina Brigadeiro Luiz Antonio) - Telefone: 31-5256 - (das 16 horas em diante)

DR. ARRIGO RAIÁ

Professor de Clínica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo Cirurgia do Aparelho digestivo Cons.: R. Itapeva, 500 4.º andar

DR. ANTONIO PRUDENTE CORRÊA

Docente da F. M. U. S. P. - Cirurgia - Surdez e Vertigens Consultório: Praça da República, 386 - 5.º andar - Telefone: 36-5944 Das 14 às 18 horas Residência: Telefone: 7-3225

DR. TRIESTE SMANIO

Cirurgia Geral Consultório e residência: Rua 24 de Maio, 247 - 7.º andar - Telefones 34-6765 e 34-5641

DR. GABRIEL RUSSO

Neurologia Neurocirurgia - Cons.: Rua Xavier de Toledo, 210 - 7.º andar - Conj. 71 Fone: 34-3700 - 2.as, 4.as e 6.as feiras das 16 às 18 hcras Residência Telefone: Telefone 80-3438

DR. PEDRO HENRIQUE LONGO

Neurologia Neuroradiologia - Rua Itapeva, 500 - Conj. 2-B Telefone: 35-3615

DR. CLAUDIO OSCAR BELLIO

Cirurgia Vascular periférica - Viaduto 9 de Julho, 181 6.º andar - Fone: 34-5665

DR. ENNIO BARBATO

Cardiologia Eletrocardiografia - Rua Sergipe, 319 Telefone: 51-8664

DR. JOSE' LAMARTINE ASSIS

Neurologia e Psiquiatria Consultório: 37-0245 - Sanatórios Vila Pompéia e Anhembi Telefone: 62-2276

DR. VALERIO JOSE' DE BRITO

Cirurgião Dentista - Do Serviço de Odontologia do Hospital das Clínicas das F. M. U. S. P. Consultório: Rua da Consolação, 2.561 Conj. 1 Telefone: 8-5817

DR. B. NEME

Docente de Clínica Obstétrica e Ginecológica da F. M. U. S. P. Consultório: Rua Pamplona, 842 Telefone: 31-3660 — Cs 2.as, 4.as e 6.as-feiras das 14 às 10 horas

DR. JOSE' ZAHLIS

Neuroradiologia, R. Itapeva, 500, 9.º andar

notas e deformações

— Em breve os medicamentos virão em quatro embalagens: regular, gigante, colossal, cheic.

— Uma geração que viu o gelo polar por baixo, a Lua por trás, Jayne Mansfield de lado não se espanta com facilidade.

— E aquela enfermeira perguntou a um jovem médico porque tinha ele tanto entusiasmo pela sua especialidade. Todo encabulado ele respondeu: «durante o curso médico sofri ataques de coração, asma e coceira. Na cirurgia, tive certeza que estava com úlceras. Nas enfermarias de psiquiatria pensei que estava perdendo o juízo. Agora, na obstetrícia, posso ficar sossegado.

— Uma delicada velhinha entrou na cozinha de um grande avião e perguntou ao cozinheiro onde ficava a toalete das senhoras. Este lhe respondeu que era na frente do avião. Ela seguiu as instruções literalmente demais, foi andando toda a vida para frente, abriu a porta da cabine e olhou para os membros da tripulação nos controles. Atrapalhada, voltou à cozinha e se queixou mansamente: «há quatro homens sentados na toalete das senhoras assistindo a televisão.

— O proprietário de um famoso restaurante ficou horrorizado ao ver um capira sentado numa das mesas com um guardanapo enfiado no pescoço. «Diga-lhe que isso não se usa aqui», resmungou ao maître, «mas não o ofenda». Com um sorriso polido, o maître aproximou-se do freguês e perguntou «barba ou cabelo cavalheiro?»

— E assim dois grupos foram considerados. Um compreendia 40 legisladores, o outro, 40 pessoas isentas de qualquer crime.

— Certo político chegando a uma cidade onde ia fazer um comício, pôs-se inocente-

mente fazer um longo discurso em que enaltecia os seus dotes de candidato. O povo que enchia a sala vaiou-o durante todo o tempo. Terminado o comício o velho porteiro chegou-se ao político tentando consolá-lo e disse «Não se preocupe seu doutor. Esse covaré é a ralé da cidade; a gente mais sensata ficou em casa.

— Uma senhorita ao rapaz que, de joelhos, lhe suplicava o sim: «está bem, caso-me com você. Mas depois não me venha com lágrimas de arrependimento.

— Se você quiser ver sua cotação cair de nível na apreciação de um indivíduo reconte uma anedota do mesmo, da maneira como você ouviu contar.

— O chefe à secretária bonita e atraente: «a senhorita tem tarde livre hoje. Preciso concentrar-me.

— Carta a um deputado: «Será que eu podia mudar o nome de meu filho de Souza para Martins? Eu me equivoquei na hora do registro; os Souza são todos morenos e a criança é hoje clara como os Martins.

SEXO E AMOR LIVRE

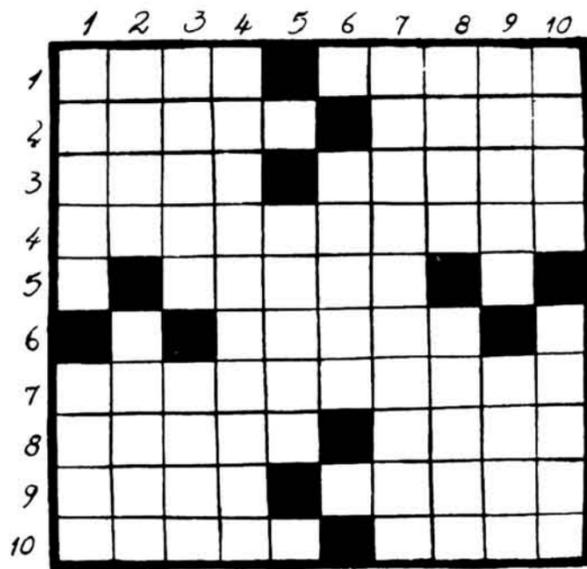
Comunicamos aos colegas que amanhã haverá uma Assembleia Geral para aprovar algo de muito importante para nós e é necessário que haja quorum. (Desculpem o título, mas precisávamos ter certeza de que todos leriam o aviso até o fim).

NOVO TIPO DE SABONETE

Os norte-americanos inventaram um novo tipo de sabonete, que não faz espuma, não é perfumado, não limpa, apenas faz companhia para o senhor durante o banho.

D. Formado

palavras cruzadas



J. GILBERTO CARAZZATO CHAVES

HORIZONTAIS: 1 — Abrigo contra chuva - Exportação. 2 — Pequena ala - Pano branco de linho. 3 — Tanque Companhia. 4 — Indígenas que habitavam o interior da Bahia: 5 — Implorar: 6 — Alugar. 7 — Idade em que o indivíduo entra no gozo de direitos civis. 8 — Ebanos das Ilhas Filipinas - Mar que banha as Índias. 9 — Imposto que pagavam os lavradores de pal-

meiras Instrumento agrícola. 10 — Cobrir com areia. Vêo

VERTICAIS: 1 — Emudecer - Cama de lona. 2 — Içar - Sugerir o leite. 3 — Agarrar - Barco para passeio. 4 — Tratado da teoria atomística. 5 — Já. 6 — Nome feminino. 7 — Fã (fem.). 8 — Epifítia peculiar ao cafezeiro Ramificação. 9 — O mesmo que dizer - Cubo para jogar. 10 — O mesmo que aliás - Voz de homem mais alta que o barítono.

fome...

(continuação da pág. 5)

sabemos a que ponto se rege o problema da medicina profilática num curso médico...

Muitas justificações satisfazem por ai consciências voltadas a si próprias apenas: "isso não é do âmbito médico"; "o problema deve ser resolvido por políticos e administradores"; "o que eu devo fazer é ser um "bom" médico", superespecializado, admirado por franceses, ingleses, americanos, etc.; "para ser um "bom" médico não posso "perder tempo" com essas coisas, outros que cuidem dela...". Tratamos doentes com moléstias infecciosas, não importa se os mandamos de volta às fontes de contaminação.

Isso é antes de tudo anti-científico, pois tratar as causas das doenças é muito mais profundo que tratar apenas da doença. E vimos como a fome é uma das

grandes causas. A sensibilidade do médico a problemas de injustiça social, de condições de vida do povo de seu país, lhe abre as portas do mundo das causas das doenças que trata. A sua aliança a iniciativas que visem romper injustiças, distribuir melhor os frutos de uma sociedade, lhe garante uma ação para tentar solucionar aquelas causas.

Talvez nos próximos anos, a OMS dê mais alguns passos, talvez ela vá programar uma ação contra as causas da fome e então teremos abalado os alicerces de uma sociedade injusta, anti-cristã, e caminhado para diminuição do número de moléstias que atacam o homem hoje em dia.

Pedro Luiz Tauil
3.º ano

Senhor Doutor
anuncie
em
«O BISTURI»

saudações

Nos últimos anos, ao aproximar-se a Mac-Med, ficamos em dúvida sobre a oportunidade ou não de alguns comentários sobre atividades esportivas e a futura atividade profissional de nossos universitários.

Vimos adiando, de ano para ano, iniciativa nesse sentido. Fomos participantes das primeiras Mac-Med nas corridas de 800, 1.000 e 1.500 metros, assim como de outras competições daquela época, entre as quais, o Revesamento Universitário, patrocinado pela «A Gazeta», realizado em 7-9-1938 e vencido por nós, da Medicina. Hoje, passado mais de um quarto de século da I Mac-Med, e exercendo a Docência Livre de Clínica em nossa Faculdade, julgamo-nos autorizados a escrever estas notas, que há anos vem sendo adiada para «OBisturi».

É este o motivo de focalizarmos nomes dos participantes das primeiras Mac-Med e que hoje, são professores de nossas Faculdades de Medicina. Vamos citar apenas nomes dos contemporâneos de bancos acadêmicos. São nomes que ocorrem no momento, sem consultas a colegas ou outras fontes, não ser nossa própria memória. Portanto, desde já, pedimos desculpas pelas possíveis omissões:

Lembramo-nos dos seguintes colegas:

1 — Sebastião de Almeida Prado Sampaio, Prof. Catedrático de Dermatologia na Fac. Med. da U. S. P. — xadrez.

2 — Charles E. Corbett, Prof. Catedrático de Farmacologia na Fac. Med. da U. S. P. — natação, polo aquático, basquete e atletismo.

3 — Luiz Carlos Uchôa Junqueira, Prof. Catedrático de Histologia e Embriologia na Fac. Med. da U. S. P. — natação, polo aquático e basquete.

4 — Luiz Carvalho Tavares da Silva, Prof. Catedrático de Clínica Cirúrgica na Fac. Med. da U. de Pernambuco — xadrez.

5 — Mozart Tavares de Lima, Prof. Catedrático de Tisiologia da Escola Paulista de Medicina — corridas de 100, 200 e 400 metros rasos e com barreiras.

6 — Henrique Melega, Prof. Adjunto de Cirurgia na Escola Paulista de Medicina — natação e polo aquático.

7 — José Paulo Marcondes de Souza, Prof. de Ortopedia na Fac. Med. de Ribeirão Preto — salto de altura, salto de extensão, salto com vara, corridas de 100, 200 e 400 metros rasos e com barreiras.

8 — Helio Lourenço de Oliveira, Prof. de Clínica Mé-

dica na Fac. Med. de Ribeirão Preto — salto de altura.

9 — Alberto Raul Martinez, Prof. de Ginecologia e Obstetrícia na Fac. de Med. de Ribeirão Preto — natação, remo, polo aquático e basquete.

10 — Bernardino Tranches, Prof. Adjunto de Clínica Médica na Fac. Med. da U. S. P. — futebol.

11 — Enio Barbatto, Prof. Adjunto de Clínica Médica na Fac. Med. da U. S. P. — corridas de 800, 1.000 e 1.500 metros.

12 — Augusto Laus Filho, Docente Livre de Clínica Médica na Fac. Med. de Ribeirão Preto — futebol.

13 — Ruy Piazza, Docente Livre de Anatomia Patológica na Fac. Med. da U. S. P. — natação e polo aquático.

14 — Silvío Alves de Barros, Docente Livre de Clínica Cirúrgica na Fac. Med. da U. S. P. — natação, polo aquático, basquete e atletismo.

15 — Otavio Germek, Docente Livre de Laboratório Clínico na Fac. Med. da U. S. P. — natação e polo aquático.

16 — Ricardo Veronesi, Docente Livre de Moléstias Infecciosas e Tropicais na Fac. Med. da U. S. P. — natação, polo aquático, basquete e futebol.

17 — José Taliberti, Docente Livre de Urologia na Fac. Med. da U. S. P. — salto de altura e salto com vara.

18 — Mario Finocchiaro, Docente Livre de Clínica Cirúrgica na Fac. Med. da U. S. P. — natação e polo aquático.

19 — Ary do Carmo Russo, Docente Livre de Clínica Cirúrgica na Fac. Med. da U. S. P. — futebol.

20 — Osvaldo Lacrete — Docente Livre de Obstetrícia na Fac. Med. da U. S. P. — basquete.

21 — Bindo Guida Filho, Docente Livre de Clínica Cirúrgica na Esc. Paul. de Med. — arremesso de peso e martelo.

Lauro de Barros: Docente Livre de clínica ortopédica e traumatológica da FMUSP. 100 e 400 metros rasos e com barreiras.

Roberto Melarangno: Docente Livre da Clínica neurológica da FMVSP. Salto em altura, 100 e 400 metros.

Plínio Toledo Piza: Docente Livre de Clínica Oftalmológica da FMUSP. Salto em altura, 100 e 400 metros rasos e com barreira.

DR. MATEUS M. ROMEIRO NETO

Docente livre da FMUSP

CONVITE

A Comissão de Festejos do Cinquentenário do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", tem a honra de convidar V. S. para a inauguração da Exposição de Pintura a se realizar no dia 31 de maio, às 16 horas, no Saguão da Faculdade de Medicina da U. S. P.

A exposição permanecerá aberta até 15 de Junho.

INSTITUTO DE GASTROENTEROLOGIA DE S. PAULO

CLÍNICA DE DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO, ANO-RETAIS E DA NUTRIÇÃO — Diagnóstico e Tratamento

CLÍNICA

Dr. Agostinho Bettarello
Dr. Arnaldo de Godoy
Dr. J. V. Martins Campos
Dr. José Fernandes Pontes
Dr. José de Souza Meirelles Fo.
Dr. Luiz Caetano da Silva
Dr. Vinício P. Conte

Medicina Psicossomática
Dr. Helládio J. Capisano

PROCTOLOGIA

Dr. J. Thiago Pontes

LABORATÓRIO

Dr. João O. Martinez
Dr. Luiz R. Trabulsi
Dr. Waldemar Padolsky

RADIOLOGIA

Dr. José Carlos O. Lins
Dr. José Polizini
Dr. Luiz de Mello e Souza

ENDOSCOPIA

ESÓFAGO E GASTROSCOPIA, PERITONEOSCOPIA, RETOSSIGMAISCOPIA
Rua Japurá, 42 (Viaduto Maria Paula) Fones: 34-4048 35-7499 37-8497
(réde interna) — São Paulo

A partir de setembro passará a funcionar em suas novas instalações à Rua Silvia, 276 (entre as ruas Itapeva e Pamplona)

PRONTO SOCORRO LINS DE VASCONCELOS

DIA E NOITE

Corpo Clínico de Médicos Ex-Residentes do Hospital das Clínicas de São Paulo

Dr. Anói Castro Cordeiro — Dr. Antonio Claudio de Godoy
Dr. José de Castilho Jr. — Dr. Renato Deveza Frederico
Dr. Sergio Vaz Rocha

Medicina, Cirurgia, Fraturas, Urgência infantil, Raios X, Oxigênio, Hidratação, Transfusão, Vacinação, Ouvido-Nariz-Garganta, Serviço de Ambulância

Av. Lins de Vasconcelos, 1301 — S. Paulo — Fone: 70-7283

Temas de Moléstias Infecciosas e Tropicais

(obra de divulgação científica)

DE AUTORIA DO

Professor DR. CARLOS DA SILVA LACÁZ

E

DR. VICENTE AMATO NETO

Edição comemorativa do cinquentenário de fundação do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz

À venda no Departamento de Publicações do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz.

Dêste número em diante esta página será aberta a todos aqueles que tenham a capacidade de vislumbrar os erros e virtudes que porventura apareçam aqui na Faculdade.

Assim sendo, quaisquer críticas e sugestões encontrarão aqui o seu lugar certo.

Incluimos entre aqueles que devem colaborar aqui todos os professores.

Noticiando Comentando

O «Prêmio Nobel» veio foi... e quase ninguém viu.

Esteve entre nós o Prof. Leipman, prêmio Nobel da Química de 1959, fazendo uma conferência sobre o assunto que lhe proporcionou tal prêmio: biossíntese de proteínas. Elogiável é a promoção da vinda do cientista. Lamentável é o descaso dos corpos docente e discente em se ausentarem de tal evento científico. Como se não bastasse a diminuta frequência, resalte-se a precariedade e a imundície do local onde se realizou a conferência: Anfiteatro de Química. Para completar, alguns dos presentes resolveram bater um papinho, entrar e sair — outras barbaridades, não admissíveis em conferência de tal porte.

E os sapos continuam no H. C.

O eterno problema da sapatória que infesta o H. C. de malinha em punho distribuindo amostras a médicos e leigos, continua insolúvel. Infelizmente os laboratórios ainda não perceberam das vantagens de contar com alunos propagandistas no H.C. Vamos tomar uma providência?

Tivemos no início de Abril uma série de aulas de complementação ao curso de Microbiologia, ministradas no período noturno. Cumpre ressaltar que a primeira aula foi dada pelo Prof. José Toledo de Melo. Na ocasião o Prof. Dr. Carlos da S. Lacaz homenageou o ilustre cientista, ressaltando o fato deste Prof. ter colado grau na 1.ª turma que se formou em nossa Escola, tendo ainda colaborado ativamente na fundação do C.A.O.C.

Ao mesmo tempo que a redação de «O Bisturi» junta-se às homenagens prestadas, congratula-se com o Departamento pela louvável iniciativa de ministrar um curso de suplementação. Esperamos que o bom exemplo seja imitado por outros departamentos.

Anfiteatros a 40,0 C

E' simplesmente insuportável a temperatura reinante nos anfiteatros da Escola,

que além de mal ventilados, foram planejados para comportar 80 alunos. Será que a diretoria da Escola ainda não percebeu que agora somos 100 e que a presença de ar refrigerado é de primeira necessidade?

Se já dormimos nas aulas chatas, evitem que passemos a dormir nas bem dadas.

Necessidades fisiológicas...

Entra anos e sai anos e sanitário masculino continua o mesmo... fétido imundo.

TROFEUS «CAVEIRA»

Foram instituídos este ano pela AAAOC, dois troféus que visam estimular o esporte em nossa Faculdade e ao mesmo tempo premiar os es-

forços dos bons esportistas.

Um deles será outorgado ao doutorando que mais se destacou em esportes durante sua vida na Faculdade. O outro será dado ao melhor atleta do ano. A este prêmio concorrerão todos os alunos, inclusive os sextanistas.

Além destes troféus existem outros prêmios já instituídos anteriormente. São eles: para o melhor atleta de cada modalidade e para o melhor diretor de modalidade.

Os primeiros troféus são atribuídos pela diretoria, enquanto os últimos são de competência do Departamento Técnico da Associação, constituído pelos diretores de modalidade e o Diretor Geral de Esportes.

E a farmácia vai de vento em popa:

Como todos podemos observar os colegas responsáveis pela farmácia estão se dedicando com afinco para o seu bom funcionamento, facilitando deste modo a distribuição de quase todos os remédios para os alunos e funcionários. Parabéns, continuem assim.

BÓA NOTICIA PARA OS DISCÓFILOS

A Dña. Pierina nos mandou avisar que próximamente todos aqueles que gostam de ouvir uma boa música encontrarão os seus discos preferidos na nossa Cooperativa.

Deve-se ressaltar que os discos poderão ser adquiridos a prazo. Maiores informações na Cooperativa.

Nós enchemos os anfiteatros... e... eles nos enchem.

Alguns professores não se aguentam ao ver os anfiteatros abarrotados de alunos durante suas aulas teóricas, não há nem lugar para todos. Será que elas são tão boas assim?

Não, não senhores, tem gente dormindo até no chão.

Se o nível de certas aulas teóricas continuar assim em breve vamos ver afixado nos anfiteatros o aviso:

— «E' proibido roncar».



ANO XXVIII

Diretor Antonio Drauzio Varella

Casa de Arnald, Abril-Maio 1963

Redação: Av. Dr. Arnald, n.º 1

N.º 106

irmãos

Hoje vos trago da minha vida — a vida inteira

Creio na unidade eterna de toda a Espécie humana — cor, credo, sentimento — iguais na alegria, na dor, na incerteza, livremente cominhando para Deus.

Creio na cultura que planeja na experiência que dispõe e faz na perseverança longa que constroi, e na fé sincera dos que creem.

Creio que ao superior cabe ordenar, mas nunca, com afronta submeter; que os homens sentem menos o trabalho que a palavra capaz de os humilhar.

A autoridade deve ser firme, sem dureza, imparcial, sem inflexibilidade, equidistante, grave, sem frieza que a bondade constroi mais que a força.

Que as paixões não se valham da justiça pois que perigosa é a justiça cega a cega autoridade que desmanda e o cego amor que tudo exige ou dá...

A mão que ajaga um doente perdido vale mais que a esmola das palavras; o gesto que traduz esperança e consolo vale mais que as verdades incontáveis.

A alma que busca outra alma dá-lhe a força do renascer até quando a desesperança é completa quando é quase inútil o esforço por elevar ao eterno — o perecível.

Ninguém como o medico deposita tantas provisões de doçura no sófrego coração batido da amargura; mistér algum, sacerdocio nenhum aproxima tanto o homem do Homem, o homem de Deus.

A palavra só é superada pela vontade que comanda a ação; nenhuma profissão semeia tanto, nenhum apóstolo sobe tanto a Deus, quanto sobem o medico e a medicina.

Tão grande como a luz divina, é a caridade pura, sem outro interesse que o de ser humana, nobre, aureolada qual a aurora do róseo amanhecer no amanhecer da vida entre brancuras.

Na medicina a fé chama-se convicção, e a verdade é a meta da ciencia; as opiniões são jogos de palavras, conflitos que se podem desposar ou do mesmo passo — desfazer.

Por isso, sobranceiros, passareis ao largo das inúteis discussões, e sobre os vossos meritos e demeritos que valem apenas para quem os expressa, e que, por força, são depressa olvidados...

Encontrareis em vós mesmos o refugio, e o refugio vós mesmos o sereis; — a superação — será fortaleza, o fulcro, que vos há de sustentar até além das vicissitudes terrenais.

O que heis de buscar na medicina? — a verdade das coisas; a verdade da vida, cada qual viva a sua;

Doutorandos de 1962 da Faculdade de Medicina da USP

oração aos médicos

(Proferida na sessão solene de colação de grau, na noite de 7 de janeiro, no Teatro Municipal de São Paulo, pelo professor Edmundo Vasconcelos, paraninfo).

— a verdade do que dá não é a verdade do que recebe.

A verdade do que na terra planta não é nunca a verdade do que come; A verdade há de ser, como a água cristalina quanto mais clara tanto mais potável, tanto mais pura, quanto mais singela.

Toda uma vida de pesquisa cabe num pequeno frasco de antibiótico, ou na equação do Universo: a energia se iguala à massa pelo quadrado da luz...

A perfeição das coisas acabadas é uma simplificação irreduzível; o limite da perfectibilidade atinge quase o nível do milagre e se esconde aos olhos do comum.

A verdade, por isso, não tem rotulo nem dono a quem prestar obediência; e com ser luminosa é ela eterna, onde quer que possa aparecer; a verdade de tudo, a só verdade.

E os que a possuem no seu imo, devem proclama-la e defendê-la, contra todas as sombras da malícia, contra mesmo que se levante contra ela, uma biblia de verdades intocáveis.

Entretanto, jamais ela é exclusiva, como os olhos de certas dipteros ela tem milhares de facetas possui outros tantos prismas, cada qual vê a sua verdade, mas só uma.

Daí decorre a regra da tolerancia para com os proprios e alheios erros; somente ela pode suavizar a derrota, ou a vitória mais nobre consagrar, abrindo-se num sorriso de confiança.

Sorriso que é escudo e fina lança, no embate com os homens e paixões, embora ameno, despido de ironia, mas, o bastante para advertir à critica inutil em suas investidas.

Essa critica que jamais constroi, presa do orgulho ou do despeito, sempre embuçada no manto da discordia, afastada da fé sincera no trabalho que edifica e gera a realidade.

Tão inutil quanto a critica — a discussão, já que, ninguém, o proprio engano reconhece; melhor é revelar o erro em tempo, do que por orgulho à critica ocultá-lo

Ao ensinardes aos outros — sereis calmos, e o fareis de modo tal, tão leve, que a todos pareça o vosso ensino simples e suave, clara repetição sintetica,

do que já foi exposto, e já sabido, Seja também, ao depois, vosso elogio amplo, sincero, quanto mais o for o empenho dado a lide e ao acabamento; vencereis pelas idéias ou pelas realizações mas raramente juntas irão essas vitórias.

Vencereis com o animo dos fortes destemidos, e sem constrangimento, pois, sabeis, que nem sempre a vitória é vencedora, e muitos há que, ao cabo, são vencidos; é a lei da luta e do incentivo!

Lembraí-vos todos, sempre, que — a esperança é a centelha divina que usareis em beneficio dos mais desanimados; a esperança é o incentivo do combate e uma vida inteira ilumina com seus raios.

Não se esqueça ninguém que a felicidade das estrelas do céu — é a amplitude do infinito como a das estrelas do mar — são os abismos do oceano aquele é feliz onde se sente nascer pois renovar é viver...

Feliz também, o que puder juntar um grão de ventura a quem só pede a dádiva da felicidade para amar e viver; — feliz quem dá de si bondade e amparo aos que deles precisam para vencer!

Pela vida, pelo tempo a fora, vós diante de vós mesmos, encontrareis um imenso e avassalador diario — o diuturno diario desse medo da alma, em seus multiplos disfarcess

Medo — da alma o unico gigante em multivarias faces incontáveis; é o medo multiforme e cambiante, e o que foge, que finge, e o que mata, origem do egoismo e da calunia.

Apavora, de inicio, o monstro ingente; mas, no fim do fim — perfume da cultura, flor da civilização — encontrareis o amor que, como a flor do lotus em sua calidez, — uma só vez floresce em cada seculo...

Recebestes a cultura aqui passada, e não a sabedoria que não se ensina; mostra-se, em sua pujança — a universo, mas, não se incute o seu deslumbramento nem o misterio dos arcanos insondáveis.

O mais sabio dos homens não consegue ao filho poupar todos os caminhos, pois, tera de polvilhar todas as agruras, de vez que não se previnem angustias, nem se podem apagar rumos-de-erros.

continua na pág. 5)